



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**  
**LINHA DE PESQUISA: INTERFACES DA CENA: POLÍTICAS, PERFORMANCES,**  
**CULTURA E ESPAÇO**

**JÉSSICA DE LIMA TORREÃO CEREJEIRA**

**INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA SOBRE OS TRAJES DE CENA DOS CABARÉS E O**  
**TRAJE DA LENDÁRIA MARIA BOA**

**NATAL/RN**  
**2022**

JÉSSICA DE LIMA TORREÃO CEREJEIRA

INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA SOBRE OS TRAJES DE CENA DOS CABARÉS E O  
TRAJE DA LENDÁRIA MARIA BOA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na linha de pesquisa Interfaces da Cena: Políticas, Performances, Cultura e Espaço, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nara Salles

NATAL/RN  
2022

JÉSSICA DE LIMA TORREÃO CEREJEIRA

INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA SOBRE OS TRAJES DE CENA DOS CABARÉS E O  
TRAJE DA LENDÁRIA MARIA BOA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na linha de pesquisa Interfaces da Cena: Políticas, Performances, Cultura e Espaço, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

▪  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Nara Salles - Orientadora  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO DO SUL – UFRS

▪  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Teodora de Araujo Alves - Examinadora Interna  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN

▪  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira - Examinadora  
Externa  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO MULTI INSTITUCIONAL EM  
DIFUSÃO DO CONHECIMENTO - PPGDC/UFBA

▪

Em homenagem à Maria Boa, seus familiares, amigos e admiradores e a todos os historiadores, pesquisadores e amantes da vida boêmia de Natal - RN, que carinhosamente acolheram e contribuíram para este estudo.

## **AGRADECIMENTOS**

Deixo aqui os meus sinceros agradecimentos à minha família, terem me apoiado durante todo o processo, em especial a minha mãe Elizabete de Lima Torreão Almeida, o meu pai, Cândido da Silva Cerejeira Leal. Agradeço aos meus irmãos Jackeline Cerejeira e Thiago Cerejeira por todo suporte e direcionamentos que me deram sobre a pesquisa, ao longo desses 2 anos. Meus sinceros agradecimentos à minha orientadora e melhor amiga, Nara Salles, que sempre me deu todo o suporte necessário para que eu avançasse em meus estudos e pesquisas. Agradeço aos meus amigos pela paciência e compreensão quando por diversas vezes precisei me ausentar da vida social e recusar diversos convites para conseguir concluir este projeto. Agradeço ao Prof. Dr. Helton Maia, pela parceria e incentivo na conclusão deste projeto. Agradeço a todos os meus colegas da turma 2020.1, que sempre foram muito solícitos a ajudar quando precisei e por se manterem firmes até o final, mesmo em meio às várias dificuldades, pandemia e cortes de verba enfrentados dentro do programa da Pós Graduação em Artes Cênicas. Agradeço imensamente aos entrevistados, Robério Araújo, Nele Nelson, José Barros e Aglail Barros, pela disponibilidade de falar detalhes tão importantes sobre Maria Boa. Agradeço também, por fim, aos professores que me ensinaram e contribuíram para minha formação e que se fizeram presentes na banca, dando suas contribuições e sugestões de melhorias para esta pesquisa.

## RESUMO

Esta pesquisa teve início a partir da vivência que antecedeu o desenvolvimento da coleção de moda feita pela autora, intitulada “Habite-me” (2015), durante a sua participação no Reallity Show Desafio Brasil Fashion, que teve como referência central a história de Maria Boa, uma figura icônica do Rio Grande do Norte. O objetivo geral da pesquisa é documentar a história dos trajes utilizados pelas mulheres, nos cabarés, ao longo da história, em especial os trajes utilizados pela lendária Maria Boa, tendo em vista que não se tem tantos registros fotográficos da época, de modo que esse estudo possa servir como referência iconográfica para os profissionais ligados a área de figurino e moda, bem como para a confecção de um traje da Maria Boa, delineando a parte expositiva desta pesquisa. Dentre os autores trabalhados nesta pesquisa, enfatizam-se os estudos do Prof. Dr. Fausto Viana (ECA/USP), reunidos no livro “O Traje de Cena como Documento”, que trata sobre o conceito do traje documental. Trata-se de uma pesquisa com caráter qualitativo e documental, no qual é traçado um panorama histórico da evolução dos cabarés e seus trajes ao longo da história, até chegar ao Nordeste brasileiro, onde nos deparamos com a história da lendária Maria Boa, cujo traje, um dos poucos que se tem registros, foi reproduzido e documentados, podendo posteriormente ser utilizado como figurino para produções audiovisuais e/ou teatrais. Nesse sentido, o projeto subsidiará o conhecimento científico do trabalho de pesquisa do traje, enquanto documento e sua intrínseca importância para a produção cênica.

**Palavras-chave:** Traje Documento. Trajes de Cena. Teatro de Revista. Maria Boa.

## **ABSTRACT**

This research began from the experience that preceded the development of the fashion collection made by the author, entitled "Habite-me" (2015), during her participation in the Reality Show Desafio Brasil Fashion, which had as central reference the story of Maria Boa, an iconic figure of Rio Grande do Norte. The overall goal of the research is to document the history of costumes used by women in cabarets throughout history, especially the costumes used by the legendary Maria Boa, given that there are not so many photographic records of the time, so that this study can serve as an iconographic reference for professionals linked to the area of costume design and fashion, as well as for the making of a costume of Maria Boa, outlining the expository part of this research. Among the authors worked on this research, we emphasize the studies of Prof. Dr. Fausto Viana (ECA/USP), gathered in the book "O Traje de Cena como Documento", which deals with the concept of documentary costume. This is a qualitative and documental research, in which a historical panorama of the cabaret evolution and its costumes throughout history is traced, until it reaches the Brazilian Northeast, where we come across the story of the legendary Maria Boa, whose costume, one of the few recorded, was reproduced and documented, and may later be used as costumes for audiovisual productions and/or theater. In this sense, the project will subsidize the scientific knowledge of the costume research work, as a document and its intrinsic importance for scenic production.

Key-words: Document Costume. Scene Costumes. Vaudeville Theater. Maria Boa

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fotografia da Coleção Habite-me da estilista Jéssica Cerejeira, com curadoria de Ronaldo Fraga.	2
Figura 2 - Prints retirados da filmagem da exibição do Reallity Show Desafio Brasil Fashion, no canal Lifetime, 2016. Na foto, a autora Jéssica visita a Casa Show do Bar da Cigana, no bairro das Rocas, em Natal - RN.	4
Figura 3 - Linha do tempo da História da Indumentária e da Moda	11
Figura 4 - O mercado do Casamento Babilônico - Pintura de Edwin Long	13
Figura 5 - Papiro Erótico de Turim, de 1150 a.C.	14
Figura 6 - Acompanhantes de luxo na Síria	15
Figura 7 - Acompanhantes de luxo na Síria	16
Figura 8 - Acompanhantes de luxo na Síria	17
Figura 9 - Acompanhantes de luxo na Síria	18
Figura 10 - A antiga cortesã grega Phryne tira o manto e exhibe os seios na frente do júri. Pintura do artista Jose Frappa, no Musee d'Orsay	20
Figura 11 - Friné em frente ao Areópago', de Jean-Léon Gerôme	21
Figura 12 - A imperatriz Teodora no Coliseu - Óleo de Jean-Joseph Benjamin-Constant	22
Figura 13 - fotografia Fase 1 do Teatro de Revista. Penas de Pav_o. Quadro Schimmy e Fox. Teatro Recreio. 1923.	24
Figura 14 - Madame Rasimi e coristas – retrato de grupo. Instituto Nacional de Antropologia e História, México.	25
Figura 15 - fotografias da última fase do Teatro de Revista, evidenciando o glamour, suntuosos cenários e figurinos.	26
Figura 16 - Carmen Miranda nas décadas de 1940.	26
Figura 17 - Indumentária de Carmen Miranda: turbante, frutas e adereços.	28
Figura 18 - Elvira Pagã. (A) Revista Fon Fon, 1954. (B) O Cruzeiro, 1944.	29
Figura 19 - fotografia- Coristas do início do século. Companhia Arruda, Teatro São José de SP	30
Figura 20 - Madame Rasimi, 1915.	31
Figura 21 - Fotografia de Moulin Rouge.	34



Figura 22 - Belle Époque	35
Figura 23 - Trajes na Belle Époque	36
Figura 24 - Registro do Estabelecimento da Casa de Maria Boa, na época chamada de Maria Boa Drink's.	41
Figura 24 - Organograma de uma parte da estruturação da família de Maria Boa e ponto de contato com a autora.	49
Figura 25 - Referência visual de como as mulheres se vestiam nos cabarés da Década de 70, em comparação com o que as mulheres usavam no Cabaré de Maria Boa.	75
Figura 26 - Referência visual de como as mulheres se vestiam nos cabarés da Década de 90, em comparação com o que as mulheres usavam no Cabaré de Maria Boa.	76
Figura 27 - Fotografia de Maria Boa, do álbum da família Barros, 2022	77
Figura 28 - Fotografia de Maria Boa, do álbum da família Barros, 2022	79
Figura 29 - Mulher desenhando linha preta na parte posterior da perna, para simular a costura da meia calça, década de 40.	80
Figura 30 - Fotografia de Maria Boa, do álbum da família Barros, 2022	81
Figura 31 - Cartaz do calçado baby dolls, muito comum na década de 40.	82
Figura 32 - Fotografia de Maria Boa, do álbum da família Barros, 2022	83
Figura 33 - Maria Boa com um lança-perfume Rodouro.	84
Figura 34 - Ficha técnica de detalhamento de produto - blusa Maria Boa.	85
Figura 35 - Ficha técnica de detalhamento de produto - saia Maria Boa.	86
Figura 36 - Processo de corte do tecido para confecção da saia.	87
Figura 37 - Processo de costura da saia.	88
Figura 38 - Protótipo do look finalizado e foto inspiracional	89

## **LISTA DE SIGLAS**

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DEART	Departamento de Artes
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	01
<b>1 APRESENTANDO O REFERENCIAL TEÓRICO E HISTÓRICO</b>	10
1.1 Panorâma histórico da prostituição	10
1.2 Os trajes de cena do Teatro de Revista na década de 20	23
1.3 A efervescência dos cabarés: da Belle Époque aos anos 40	33
<b>2 MARIA BOA: A PRIMEIRA GRANDE DAMA DA NOITE NATALENSE</b>	43
2.1 Vida e ofício	46
2.2 A Casa de Maria Boa	55
2.3 Memórias boêmias que eternizaram a lendária Maria Boa	62
2.4 Trajes e a cena do cabaré de Maria Boa	66
2.5 O cabaré na perspectiva de uma cena teatral	71
<b>3 COSTURANDO E DOCUMENTANDO OS TRAJES DE MARIA BOA</b>	73
3.1 Pesquisa e Criação	74
3.2 Modelagem, confecção dos trajes e acabamentos	84
<b>CONCLUSÃO: AS LUZES DO CABARÉ SE APAGAM, MAS MARIA BOA VIVE</b>	90
<b>REFERÊNCIAS</b>	92

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve início a partir da vivência experimental do desenvolvimento da coleção de moda da autora, intitulada *Habite-me*, 2015, em que a referência central foi a icônica figura de Maria Boa, que fundou o cabaré Maria Boa Drink's, o mais famoso cabaré do Rio Grande do Norte, em especial na década de 40, período em que a cidade de Parnamirim foi utilizada como base aérea para os militares que atuaram na Segunda Guerra Mundial.

A proposta temática desta coleção foi desenvolvida durante um projeto de Moda do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI/Cetiqt, chamado Desafio Brasil *Fashion* 2015. Para participar do projeto, foram selecionados nove estudantes, de diferentes estados do Brasil, mediante avaliação de currículo, portfólio, desenhos autorais e criatividade, como forma de estimular a qualificação profissional e dar visibilidade a esses novos talentos. Esses jovens estilistas, tinham a missão de apresentar uma mini coleção composta por três looks, sob orientação dos consagrados estilistas, Ronaldo Fraga, Alexandre Herchcovitch e Lino Vilaventura. Todo o processo criativo da autora, que participou do projeto representando o estado do Rio Grande do Norte, no *reality show*, foi exibido nos canais *Fashion TV* e *Lifetime* em 2016 e 2017 (Figura 1).

Figura 1 Fotografia da Coleção Habite-me da estilista Jéssica Cerejeira, com curadoria de Ronaldo Fraga.



**Fonte:** Rodrigues (2015)

Durante todo o processo de pesquisa que antecedeu a criação da coleção, foram coletadas algumas informações, através de relatos encontrados na internet e até de antigos frequentadores da Casa que conheceram a famosa dama, como é o caso do professor Robério Araújo<sup>1</sup>, encontrado pela autora através de um grupo na rede social Facebook, que reunia fãs e pessoas que conheceram Maria Boa.

Foi também durante essa etapa de coleta de material, em 2015, que se desenvolveu uma pesquisa *in loco* em cabarés que existem atualmente na cidade da autora, Natal, no Rio Grande do Norte, para conhecer melhor como eram os trajes usados por essas mulheres, suas escolhas, preferências, código de vestimenta para diferentes ocasiões. O bairro escolhido para esta pesquisa, foi o bairro das Rocas, em Natal, que acabou se consolidando com o passar dos anos, como uma zona de prostituição. Lá, a autora se deparou com o cabaré chamado “Casa Show do Bar da

---

<sup>1</sup> Carlos Robério de Araújo é professor de roteiros de cinema e ex- frequentador da Casa de Maria Boa.

Cigana” e ao conversar com a dona do estabelecimento, já uma mulher de mais idade, perguntado se ela conhecia ou já tinha ouvido falar de Maria Boa, ela prontamente respondeu que sim e que nunca existiu em Natal uma “Casa” como a de Maria Boa. Comentou também que no final da década de 40, muitos militares estavam na cidade e as histórias que se ouvia é que eles eram frequentadores fiéis da Casa de Maria Boa. Durante a visita, a autora pediu para ver o guarda roupa de uma das mulheres que trabalhavam no Bar da Cigana e ela prontamente mostrou os seus looks preferidos. Foi possível observar o apreço da mulher pelos comprimentos mais curtos, pelos corsets e tops “tomara que caia”, ou blusas mais decotadas. Peças que além de evidenciar as curvas do corpo feminino, deixavam bastante pele à mostra. Mais à frente, será possível observar que o código de vestimenta que transmitia sensualidade e que era utilizado pelas mulheres que trabalhavam nos cabarés, ao longo da história, tinham exatamente características opostas ao atual.

Figura 2: Prints retirados da filmagem da exibição do Reality Show Desafio Brasil Fashion, no canal Lifetime, 2016. Na foto, a autora Jéssica visita a Casa Show do Bar da Cigana, no bairro das Rocas, em Natal - RN.



**Fonte:** Acervo da autora (2016)

No entanto, mesmo com este material inicial que foi coletado para o desenvolvimento da coleção *Habite-me*, identificou-se uma ausência de registros

visuais e de mais informações a respeito da Casa de Maria Boa e da própria figura de Maria Boa, a não ser as poucas fotos disponibilizadas gentilmente por uma das sobrinhas de Maria Boa, Dona Aglail Barros, que inclusive, na altura em que foi entrevistada, comentou sobre ter o material de um livro já escrito, sobre a história de Maria Boa, apenas aguardando publicação.

Além das bases literárias, a pesquisa ainda contou com informações obtidas por intermédio de entrevistas abertas e semi-estruturadas com Dona Aglail, e ex-frequentedores do cabaré de Maria Boa, como Robério Araújo, já mencionado anteriormente.

Mas é sabido que se tratando de informações obtidas a partir da história contada, da memória afetiva que se tem sobre algo ou alguém, seja qual for o assunto, é necessário filtrar e analisar de forma racional os elementos que são colocados na fala de forma mais embasada e priorizá-los. Pois, de acordo com Ecléa Bosi - MEMÓRIA E SOCIEDADE- Lembranças de velhos, publicados pela primeira vez em 1979, já na 18ª edição, é necessário que:

“É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o passar do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham a nossa vida.”

“(…) qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo? O único meio correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória”

É Preciso deixar gerações de pesquisadoras e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento beberem nos escritos de Ecléa sobre memória-sonho, memória-trabalho. Com ela aprendemos a fazer entrevistas respeitando o tempo de quem narra, criando vínculo. “Da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista”, escreveu em “Sugestões para um jovem pesquisador”, editado na coletânea O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.



Ecléa escreveu o que sempre foi julgado como essencial na prática de jornalistas e pesquisadores, o que se tem buscado passar a alunas e alunos em suas palavras: “Se não fosse assim, a entrevista teria algo semelhante ao fenômeno da mais-valia, uma apropriação indébita do tempo e do fôlego do outro”.

Para Ecléa, a memória de uma sociedade está nas narrativas das pessoas, especialmente das pessoas velhas, de trabalhadoras e trabalhadores manuais. “Os feitos abstratos, as palavras dos homens importantes só se revestem de significado para o velho e para a criança quando traduzidos por alguma grandeza da vida cotidiana. Como pode a anciã justificar a glória do filho premiado na academia científica se ele não ajuda os sobrinhos pobres, ou se ele não cura o reumatismo da cozinheira?” Mais que em documentos ou discursos eloquentes, a memória de uma sociedade está nas narrativas das mulheres e dos homens que trabalharam nesta sociedade.<sup>2</sup>

Na história oral, foram usados como base, os desafios para o século XXI de Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes, Verena Alberti.

Vale ressaltar, que o contexto de relevância desta investigação refere-se ao fato de não haver registros fotográficos ou qualquer tipo de documentação dos trajes utilizados por essas mulheres que trabalhavam na Casa de Maria Boa e em especial, os trajes utilizados pela própria Maria Boa, pois não era permitido fotografar dentro desses estabelecimentos. Mas, as poucas fotos que existem de Maria Boa, serão analisadas mais à frente e servirão de parâmetro para entender as preferências por roupas, cores e estampas que Maria Boa tinha. Além disso, através dos relatos de antigos frequentadores, também é possível se apropriar de algumas pistas e elementos visuais que são dados, sobre o modo como essas mulheres se vestiam e se portavam na sociedade, de forma que seja possível até materializar esses trajes, tornando-os fontes de estudos e referência iconográfica para trabalhos cênicos, historiográficos, audiovisuais e de moda.

Tendo em vista que esta pesquisa se deu exatamente no início do período de pandêmico, alguns recursos, como as entrevistas presenciais com os familiares

---

<sup>2</sup> <https://revistacult.uol.com.br/home/que-sigamos-o-desenho-da-vida-de-ecllea-bosi/>

ou pessoas que conheceram Maria Boa, não foram possíveis de serem realizadas, devido a idade já avançada dos entrevistados, que os colocava no grupo de risco diante deste cenário. Então foi necessário reestruturar os caminhos que esta pesquisa seguiria, isso claro, sem abrir mão da abordagem investigativa, se apoiando nos relatos encontrados na internet, na revisão bibliográfica da história da indumentária e da moda, com foco nos trajes utilizados pelas mulheres ao longo da história, passando pelo gênero teatral do Teatro de Revista e documentar, através da confecção de um protótipo, um dos trajes utilizados por Maria Boa.

Além da questão inicial, que investiga como eram os trajes utilizados por Maria Boa, dentro e fora do seu ambiente de trabalho e em ocasiões especiais ou datas comemorativas, o estudo se depara com uma nova questão que é, se um cabaré, pode ser considerado uma cena teatral e os trajes utilizados pelas mulheres podem ser considerados, portanto, trajes de cena, ao analisarmos as características e o contexto em que surgiu o gênero teatral do Teatro de Revista.

Para responder a essas questões, foram realizadas revisões literárias acerca dos cabarés, da prostituição, do Teatro de Revista e dos conceitos de traje de cena. Ademais, foram feitos o registro da história e a reprodução de um dos trajes de Maria Boa.

Toda essa estrutura se faz necessária para compreendermos melhor como as mulheres que trabalhavam nessas casas, e como a própria Maria Boa, vivia, se vestia, se maquiava e se portava, além de detalhar com mais clareza as cenas dentro dos cabarés, os trajes utilizados e os espetáculos realizados dentro desses espaços, ao longo da história.

Nesta espreita, o projeto tenta subsidiar o conhecimento científico do trabalho de pesquisa do traje, enquanto documento e sua intrínseca importância para a produção cênica, de maneira a sustentar todos os embasamentos citados.

Os autores mencionados neste estudo, como é o caso do Prof. Dr. Fausto Viana (ECA/USP), o qual possui um vasto conhecimento sobre a temática aqui analisada, sobre trajes e cenas de teatro, impulsionou muitas outras pessoas a buscarem ideias e inspirações de moda em locais pouco mencionados, como é o

caso dos Cabarés.

Nesse contexto, feito o panorama do que será debatido neste trabalho, além de fixar quais os fundamentos teórico-metodológico que serão explanados na propositura do estudo, a pesquisa científica abordará leituras exploratórias voltadas aos trajes de uma das “mulheres da noite” mais conhecidas na capital potiguar, além de leituras seletivas, analíticas e interpretativas com bases em dados obtidos em entrevistas com pessoas que conheceram e presenciaram de perto o “império” do cabaré de Maria Boa.

Como uma pesquisa de grande relevância para o cenário artístico, a pesquisa se apresenta como qualitativa, possuindo um condão investigativo sobre como as mulheres do meio da prostituição se vestiam e se portavam perante uma sociedade preconceituosa e conservadora.

Ademais, o trabalho abordará temáticas que causam grande repercussão, sendo portanto de caráter qualitativo e documental, no qual será desenvolvido o croqui e o protótipo do traje usado por Maria Boa.

A pesquisa se propõe a fazer um percurso pela história dos cabarés e da prostituição, passando pela Europa, até chegar ao Brasil, sempre direcionando o olhar especificamente sobre como eram os trajes usados pelas mulheres que trabalhavam nesses cabarés ao longo da história, chegando por fim ao Nordeste brasileiro, passando por alguns estados, até chegar ao Rio Grande do Norte, onde nos deparamos com a brilhante história de Maria Boa.

Os procedimentos textuais que tiveram maior consonância com a pesquisa foram usados de forma ampla e clara, como foi o caso dos temas que se relacionavam a prostituição, aos cabarés, ao Teatro de Revista e conceitos de trajes.

Explicado e detalhado o panorama geral do estudo que se propôs essa pesquisa, além de mencionar o movimento que deflagrou o interesse pelo tema proposto, o trabalho realizado foi dividido em seções e subseções para melhor explicar as informações e detalhar com riqueza a história e os trajes que eram usados por Maria Boa e “suas meninas”.

Na primeira subseção 1.1, "Panorâma histórico da prostituição", teremos o ponto de vista histórico da prostituição no tocante mundial, chegando ao Brasil e focando no Nordeste, até chegar em Natal, onde nos deparamos com a figura de Maria Boa. Na sequência, na 1.2 "Os trajes de cena do Teatro de Revista na década de 20", será dado continuidade ao viés histórico da história da prostituição e dos cabarés, mas trazendo um elemento novo para a discussão, que o gênero teatral do Teatro de Revista, suas principais fases e mulheres que protagonizaram esse gênero, até ser possível analisar os cenários e figurinos suntuosos desses espetáculos que aconteciam no interior dos cabarés.

No 1.3 "A efervescência dos cabarés: da Belle Époque aos anos 40", ainda seguindo o fio condutor histórico, temos a análise dos trajes que são utilizados neste intervalo de tempo, até chegar à década de 40, inicialmente vendo como era a moda no mundo, até voltar o olhar para o Brasil, em especial para o Nordeste brasileiro e na figura da paraibana Maria Oliveira Barros, mais conhecida como Maria Boa, uma das cafetinas mais importantes da história.

Já o capítulo 2, volta o olhar para a história de Maria Boa, sua vida e ofício, como era a Casa de Maria Boa e de que forma ela estava presente na memória dos norte rio-grandenses e na história do RN. Através das memórias de ex frequentadores da casa, de relatos encontrados pela internet e de entrevistas com familiares, foi possível costurar fragmentos da história de Maria Boa, desmistificar alguns estereótipos e paradigmas sobre o modo de se vestir dessas mulheres que trabalhavam na Casa, como se portavam e como eram vistas na sociedade. E por fim, temos o capítulo 3, que registra o processo de confecção de um protótipo de um dos trajes utilizados por Maria Boa, desde o processo de pesquisa, passando pela elaboração das fichas técnicas, modelagem, corte, costura, até chegar no protótipo finalizado.

A aventura dessa incursão pela história da prostituição e dos cabarés, pela vida de Maria Boa, por uma Natal provinciana que recebia os militares estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial, numa Ribeira boêmia, traz reflexões significativas, obtidas pelo olhar sobre o lugar da mulher na sociedade natalense

daquele período, além é claro, de enxergar o cabaré enquanto cena teatral e os trajes das mulheres enquanto trajes de cena. Adentrar por esse caminho é o convite que fazemos agora e esperamos que seja um percurso repleto de descobertas e boas histórias.

## **1 APRESENTANDO O REFERENCIAL TEÓRICO E HISTÓRICO**

Neste capítulo, serão apresentadas as teorias de base necessárias para a compreensão e análise do objeto de estudo, através de temas como “prostituição”, “teatro de revista” e “trajes de cena”, sendo dissertados em seu contexto histórico, remontando cenários e resgatando a memória da época.

Conforme abordado por diversos autores, a década de 1920 transformou o Teatro de Revista brasileiro a partir de mudanças ideológicas e importantes inspirações estrangeiras. Assim sendo, este trabalho enfatiza a evolução dessas mudanças, com enfoque para a evolução dos trajes de cena.

### **1.1 Panorâma histórico da prostituição**

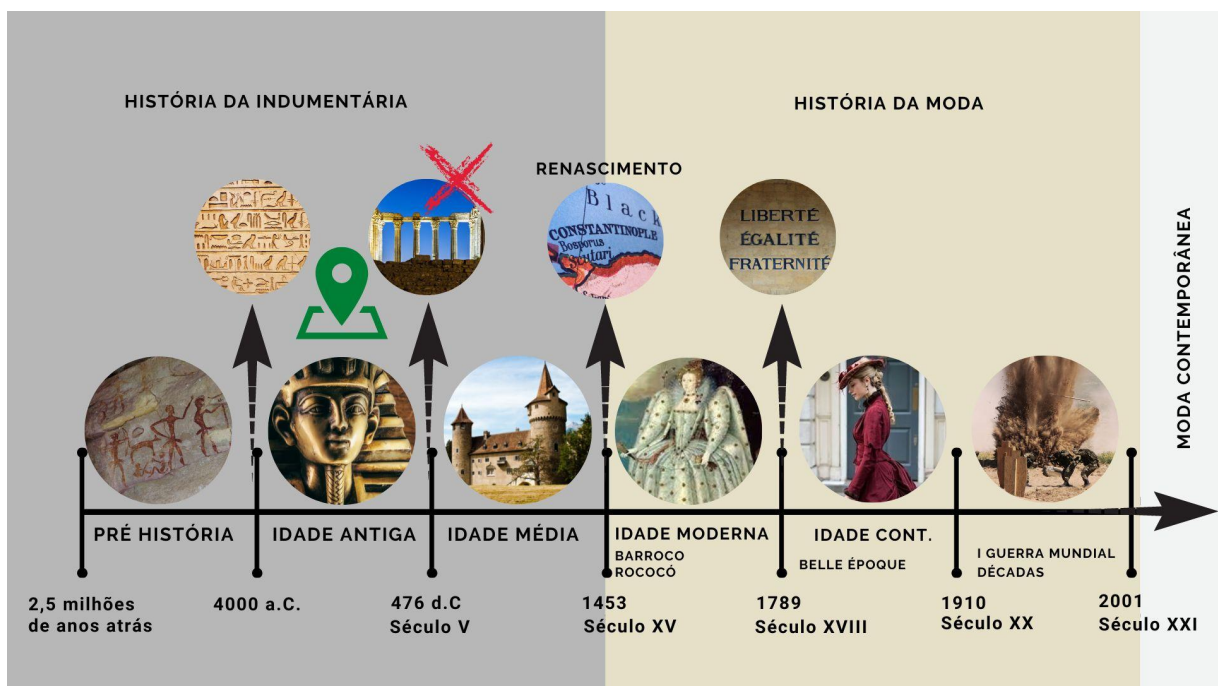
Enunciadas as explicações acerca de como deram-se as primeiras concepções deflagradoras desta pesquisa, é essencial acompanharmos a história da prostituição no tocante mundial, passando pelo Brasil, focando no Nordeste, até chegar em Natal - RN.

É comum ouvirmos falar que a prostituição está entre as profissões mais antigas do mundo e isso se deve ao fato de que o tema “prostituição” remonta desde o antigo Oriente Médio, no período conhecido como Idade Antiga ou Antiguidade, onde as sacerdotisas dos templos eram consideradas tanto como mulheres sagradas quanto como prostitutas, passando esse termo a ser reconhecido como “prostituição sagrada”, “prostituição hospitaleira dos caldeus”, ou ainda, como “prostituição sagrada da Babilônia”. As prostitutas desse período não eram

estigmatizadas como nos dias atuais, elas eram idolatradas, pois protagonizavam os rituais religiosos. (ROBERTS, 1992).

Para nos situarmos melhor durante a leitura, é importante que saibamos alguns conceitos básicos e nomenclaturas importantes do universo da moda, que se relacionam e se complementam entre si, mas que pela sua similaridade, acabam tendo os seus significados confundidos. O termo Indumentária, por exemplo, é utilizado para se referir a um vestuário usado em uma determinada época; Já o termo traje é usado para se referir a um vestuário habitual; O termo Vestimenta, por sua vez, é usado para tudo que serve para cobrir o corpo; Vestuário pode ser usado para se referir a toda prática de arte decorativa corporal; E a Roupas, pode ser usada para qualquer peça de Vestuário. Mas é muito importante lembrar que nem sempre que falamos em vestuário, estamos falando necessariamente em moda, pois a moda, como o processo que conhecemos atualmente, surgiu no fim da Idade Média. Portanto, a história da Indumentária e da Moda compreende dois períodos distintos da história, sendo o marco do Renascimento o principal divisor desses dois períodos, como é possível observar no quadro abaixo:

Figura 3: Linha do tempo da História da Indumentária e da Moda



**Fonte:** Conteúdo da Aula de História da Indumentária e da Moda produzido pela autora (2020)

Na Antiga Mesopotâmia, as prostitutas eram importantes dentro da sociedade, pois eram vistas como sacerdotisas, mulheres sagradas. No dia do ano novo, na civilização mesopotâmica, acontecia o ritual do casamento sagrado, em que uma sacerdotisa, representando a deusa Inana, deitava com o governante da cidade, que representava o deus Dumuzi. Johanna H. Stuckey em seu artigo cita que a sacerdotisa encontrava-se em transe durante o ritual:

"O que estou sugerindo é que (...) (a sacerdotisa) era uma médium. Através de talento e treinamento, ela entrava em transe e permitia que Inanna tomasse seu corpo. Então a deusa poderia realmente estar presente durante o ritual. Em menor ou maior grau, o rei também poderia ser tomado pelo deus Dumuzi." (STUCKEY)

Acreditava-se que o sexo ritualístico e a prostituição sagrada era uma prática ligada à religião, em que as prostitutas trariam bençãos e fertilidade para quem se deitasse com elas e em troca recebiam um pagamento, que era destinado ao templo em que ela habitava ou a alguma divindade.

Figura 4: O mercado do Casamento Babilônico - Pintura de Edwin Long



**Fonte:** <https://www.melissasayuri.com.br/post/hist%C3%B3ria-da-prostitui%C3%A7%C3%A3o-parte-1-antiguidade>

Na imagem acima é possível perceber que as mulheres nesse período costumavam usar uma indumentária simples, uma túnica, geralmente feita de linho, seda ou algodão, com barrados em padronagens geométricas ou com elementos da natureza. Os tecidos eram presos sobre os ombros por fibulas (broches de metal que funcionavam como alfinetes).

Este tema da prostituição sagrada ainda é um tema complexo para os historiadores, pois se baseiam nos relatos do historiador grego Heródoto, que viveu no século V a.C. e não há fatos que comprovem que ele viveu ou visitou a Mesopotâmia.

O pesquisador Will Durant, sobre a Antiguidade Oriental, relata:



"Destas havia várias classes vivendo nos templos, onde desenvolveram o comércio do corpo e às vezes juntavam grandes fortunas. As prostitutas do templo eram comuns na Ásia Ocidental; encontramos-las em Israel, na Frígia, na Fenícia, na Síria, etc.; Na Lídia e em Chipre era desse modo que as moças juntavam o dote para o casamento. A 'prostituição sagrada' só foi abolida na Babilônia pelo imperador Constantino em 325." (DURANT, 1963, p. 167, citação de citação)

As primeiras prostitutas de rua surgiram no Egito, quando as sacerdotisas começaram a laborar fora dos templos, de forma bem difundida, recorrente e com fins comerciais. A partir de então, os sacerdotes, sem conseguir manter a tradição de confinamento das mulheres em casamentos únicos, passaram a considerar a prática como desvirtuosa, atribuindo um novo conceito de “moralidade sexual”, que tratava as mulheres como a causa de todo o mal devido à sua autonomia sexual. (ROBERTS, 1992).

Figura 5: Papiro Erótico de Turim, de 1150 a.C.



Fonte: <https://www.melissasayuri.com.br/post/hist%C3%B3ria-da-prostitui%C3%A7%C3%A3o-parte-1-antiguidade>

Segundo o egiptólogo Steven Snape, não existem grandes evidências da prostituição como um ofício desempenhado por mulheres no Egito Antigo, nenhum cabaré foi identificado neste período e não há menção sobre o tema em nenhuma obra escrita ou decisão legal. Mas no famoso Papiro de Turim 55001, descoberto em Deir el-Medina no início do XIX século e registrado sob o número 55001 no Museu Egípcio de Turim, é possível ver a descrição de vários contos eróticos e fala-se à respeito de uma mulher, que poderia se tratar de uma prostituta: “Cuidado com a mulher que é uma estranha, que não é conhecida em sua cidade. Não olhe para ela enquanto ela passa e não tenha relações sexuais com ela.”

Atualmente, a prostituição no Oriente Médio, em comparação a outros países, é uma das profissões mais rentáveis, em especial nas cidades de Damasco e Istambul.

Figura 6: Acompanhantes de luxo na Síria



Fonte: <https://conexaoarabe.blogspot.com/2012/10/prostituicao-nas-arabias-i-siria.html>

Lá muitas jovens se tornam prostitutas de luxo para atender aos homens abastados de Damasco e turistas ricos. E no Dia dos Namorados, os homens jovens e ricos passam com uma garota de programa de luxo, em sua maioria mulheres iraquianas, muito bonitas, loiras, com pele e olhos claros, mas com feições árabes.

Figura 7: Acompanhantes de luxo na Síria



**Fonte:** <https://conexaoarabe.blogspot.com/2012/10/prostituicao-nas-arabias-i-siria.html>

Isso se deve ao fato de que em 2010, antes da Síria entrar em conflito, os iraquianos é que fugiam do país por causa da intervenção e se refugiavam em campos em Damasco. As iraquianas são maioria nos cabarés, mas existem também muitas libanesas, palestinas, curdas e até mesmo sírias que trabalham nessas casas. Muitas delas começam a se prostituir muito cedo, aos 12 anos de idade, configurando como crime de pedofilia e exploração sexual de menores. Fugidas da guerra do Iraque, essas meninas chegavam apenas com a roupa do corpo e sem nenhum tostão no bolso, tendo apenas duas alternativas, se tornar ladra ou prostituta, mas decidiam pela prostituição, já que ser ladra em países mulçumanos tinha punições severas.

Figura 8: Acompanhantes de luxo na Síria



**Fonte:** <https://conexaoarabe.blogspot.com/2012/10/prostituicao-nas-arabias-i-siria.html>

Já as prostitutas de luxo fazem sua própria divulgação dos seus serviços em sites na web. No geral, essas mulheres ganham um bom cachê, além de frequentar lugares da moda, comer em bons restaurantes e dormir em bons hotéis de luxo, como o Four Season Damascus.

Figura 9: Acompanhantes de luxo na Síria



**Fonte:** <https://conexaoarabe.blogspot.com/2012/10/prostituicao-nas-arabias-i-siria.html>

Analisando os trajes dessas mulheres, é possível perceber a predominância de vestidos longos ou curtos de malhas metalizadas ou em cores vibrantes, ajustados ao corpo, com decotes variados, sempre com a presença de bordados de pedrarias ou aplicações que trazem o brilho a peça. Outro elemento importante é o lenço de quadril, ou lenço cigano, com medalhas prateadas ou douradas, muito usado por dançarinas de dança do ventre. É curioso observar a forma com que essas mulheres fazem sobreposições de peças mais curtas, sobre a base do vestido longo de malha que marca bem a silhueta, como uma segunda pele e há uma necessidade de mostrar e valorizar os ombros. Andam sempre muito bem maquiadas, com cabelo impecável e salto alto.

Como o termo passou a ser bem difundido no mundo, já na Grécia antiga, observa-se que os homens da alta classe social passaram a fazer uso das prostitutas, conforme texto de Roberts (1992, p. 32):

Os homens gregos ricos tinham acesso a uma variedade fenomenal de serviços sexuais, de modo totalmente aberto e sem medo da vergonha ou do estigma social. Havia prostitutas do templo, cortesãs da classe alta, dançarinas-prostitutas, meretrizes, escravas de bordel..., e, se a escolha se mostrasse muito limitada, eles sempre podiam ter disponíveis os serviços dos meninos adolescentes, concubinas, escravas domésticas, e até mesmo um pouquinho da própria esposa. Foi na verdade uma época de ouro no sexo – para os homens que possuíam ouro. Mas para as mulheres da antiga Atenas foi, é claro, uma outra história; elas eram as servidoras, provedoras e trabalhadoras neste grande florescimento da sexualidade humana.

Destaca-se nesse contexto que o desrespeito e insultos eram somente às prostitutas, já os homens, estavam em perfeito exercício da sua vida sexual, considerados como “um orgulho” para a sociedade grega do período.

Com o advento do governo de Sólon em Atenas, no século VI a. C., houve a institucionalização do papel das mulheres gregas que laboravam como prostitutas perante a sociedade. Assim, surgiram os primeiros bordéis e cafetinos(as), sob o controle do Estado, operando com preços acessíveis para o público poder usufruir do prazer, e de uma diversidade de mercadorias para todos os tipos de preferências. Para o governador, qualquer cidadão que custeasse a taxa cobrada pelo Estado (chamada de “*pornikotelos*”), poderia abrir um cabaré. (MURPHY, 1994, p. 21-22). Contudo, após a morte de Sólon, as leis para a profissão na Grécia passaram a ser abolidas e postas de lado pelos governantes sucessores.

Ainda sobre a Grécia Antiga, uma prostituta chamada Friné ganhou destaque e passou a ser uma das cortesãs atenienses mais aclamadas e desejadas pela sociedade. Dona de uma beleza incomparável, inteligente e ambiciosa, ela inspirou inúmeras obras de escritores e artistas gregos famosos como Ateneu e o escultor grego Praxíteles, que chegou inclusive a fazer uma estátua de Friné nua, chamada “Afrodite”, tornando-se esta uma das obras mais famosas da arte grega. A

estátua foi inclusive comprada pela prefeitura de Cnido, uma cidade grega, que usou a estátua como atração turística e usou o valor arrecadado com a visitação para custear uma dívida da cidade.

Por ser uma figura pública, Friné era convidada pela cidade-estado de Atenas para celebrações e rituais. Nos festivais de Eleusinia e Poseidonia, por exemplo, ela era convidada para mergulhar nua no mar Egeu para encenar e celebrar o nascimento mítico de Afrodite, a deusa do amor e do desejo. Nessa celebração, a comunidade grega se maravilhava com a beleza vista como divina, de Friné. Ela era tão poderosa e rica, que quando Alexandre, o Grande, derrubou o muro de Tebas, ela se ofereceu para reconstruir o muro.

Figura 10: A antiga cortesã grega Phryne tira o manto e exhibe os seios na frente do júri. Pintura do artista Jose Frappa, no Musee d'Orsay



Fonte: <http://hid0141.blogspot.com/2016/05/10-prostitutas-famosas-na-historia.html>

Mas a história de Friné ficou conhecida pelo seu famoso julgamento. Por volta de 340 a.C, ela apareceu nua durante uma procissão sagrada e seu ato foi condenado como ofensivo e passível de julgamento. Durante o julgamento, o orador Hypereides, que além de ser o seu defensor, era também o seu amante, rasgou o vestido de Friné e apontando para os seios dela, argumentou que apenas os deuses seriam capazes de esculpir um corpo tão perfeito e que aprisionar Friné seria uma afronta aos deuses. Os jurados aceitaram os argumentos e libertaram Friné. E essa história, de garantir a liberdade exibindo os seios, se tornou o tema de muitas obras de arte e mote para debates intelectuais, ao longo da história.

Figura 11: Friné em frente ao Areópago', de Jean-Léon Gerôme



**Fonte:** <http://hid0141.blogspot.com/2016/05/10-prostitutas-famosas-na-historia.html>

Já em Roma, embora não existissem cabarés como na Grécia, foi onde surgiu o sistema de registro das prostitutas pertencentes à classe média, onde foram



subcategorizadas em: prostitutas registradas e prostitutas não-registradas. Por lei, todas as prostitutas deveriam ser regularizadas perante o Estado, tendo seu preço estabelecido e sua licença de meretriz recebida. Contudo, nem todas as prostitutas estavam inseridas nesse contexto, pois para o registro fazia-se necessário uma série de dados que as colocavam para sempre como meretrizes. (MURPHY, 1994, p. 39).

Vale destacar algumas mulheres importantes envolvidas na profissão mais antiga do mundo. Como a imperatriz Valéria Messalina, de Roma, terceira esposa do imperador Cláudio, que fugia da cama do marido enquanto ele dormia para visitar cabarés. Isso fez com que Messalina ficasse conhecida como a Rainha das Prostitutas Imperiais.

Já no Império Bizantino, Teodora, esposa do imperador Justiniano, havia trabalhado em um cabaré de Constantinopla antes de se casar com o imperador e lá ela protagonizava teatro burlesco. Em uma das peças, ela convidava os atores para fazerem sexo com ela no palco. E ao assumir o posto de Imperatriz, ela defendeu e protegeu as mulheres contra abusos e discriminação, através de reformas sociais.

Figura 12: A imperatriz Teodora no Coliseu - Óleo de Jean-Joseph Benjamin-Constant



**Fonte:** <https://www.melissasayuri.com.br/post/hist%C3%B3ria-da-prostitui%C3%A7%C3%A3o-parte-1-antiguidade>

Ainda sobre contexto histórico da prostituição no mundo, adianta-se na escala de tempo para os séculos XVI e XVII, no período da Revolução Francesa e da devassidão do século XVIII. Nesse cenário, mesmo existindo diversos tipos de cabarés, as classes altas optaram pela criação de um novo estilo, caracterizado pela diversificação visando a satisfação de todos os gostos, caminhando desde práticas bizarras, *voyeristas*, sadomasoquistas e pornográficas. (MURPHY, 1994, p. 65-71).

## **1.2 Os trajes de cena do Teatro de Revista na década de 20**

Inicialmente para contextualizar os trajes de cena no Teatro de Revista, apresenta-se a definição e alguns exemplos acerca do Teatro de Revista, que foi um período fortemente lucrativo, criativo e exuberante no cenário das produções e encenações.

O Teatro de Revista pode ser definido como um difusor de modos e costumes para descrever a realidade de uma época, através de retratos sociológicos, estimulando nas suas falas/textos, a comicidade, ironia e ambiguidade (PAIVA, 1991).

Essa tipologia de teatro surgiu na França em meados do século XVII e foi introduzida no Brasil no final do século XIX, tornando-se um gênero popular. Basicamente os espetáculos eram estruturados em esquetes de teor crítico e apresentações musicais com figurinos suntuosos e que evidenciaram a hipersexualização do corpo feminino. O objetivo e importância desse teatro estava em recordar e transmitir acontecimentos e mensagens revolucionárias sobre os regimes vigentes.

Outro ponto relevante dessa vertente é a forte presença feminina nos palcos, a partir da figura das vedetes. Destacam-se nesse contexto as três fases do Teatro

de Revista onde, em um primeiro momento, a vertente enfatizava principalmente as figuras do “compadre e da comadre” como fomentadores de conteúdo, correlacionando todos os quadros e cenas, subdividindo-os em três atos, sendo um prólogo e duas apoteoses autônomas em relação ao conteúdo. Gradualmente, esse formato de revista foi perdendo espaço para novos formatos, dando início à segunda fase: agora já não existia mais uma correlação entre cenas, as figuras de “compadre e comadre” foram sendo substituídas pela presença das vedetes e coristas, os temas foram nacionalizados e integrados à música popular, trazendo uma perspectiva crítica sobre os acontecimentos diários em diversos eixos (moda, política, economia, esporte, transportes, entre outros) (VENEZIANO, 2010).

Figura 13 - fotografia Fase 1 do Teatro de Revista. Penas de Pav\_o. Quadro Schimmy e Fox. Teatro Recreio. 1923.



Fonte: FUNARTE, 2002., apud CASCAES, 2010.

Nesse período, o Teatro de revista brasileiro sofreu significativas

transformações nos espetáculos, especialmente sob a influência de companhias estrangeiras, como a Ba-ta-clan (francesa) e a Velasco (espanhola), ambas no início dos anos 1920. Tais influências inspiraram principalmente o aspecto visual das cenas, em especial, os figurinos das vedetes e coristas. Estes agora eram mais luxuosos e extravagantes, explicitando ao máximo a sensualidade através da exibição de pernas e seios femininos (COLLAÇO, 2008).

Figura 14 -Madame Rasimi e coristas – retrato de grupo.  
Instituto Nacional de Antropologia e História, México.



Fonte: MEDiateca INAH.

Finalmente a terceira e última fase, refletiu os grandes investimentos realizados para a construção dos espetáculos, que agora substituíam o interesse anterior, pela exibição de elencos compostos por vários artistas que revezavam-se em cada temporada, enfatizando fantasias, luxo, coreografias e cenários (MALUF; AQUINO, 2006).

Figura 15- fotografias da última fase do Teatro de Revista, evidenciando o glamour, suntuosos cenários e figurinos.



Fonte: Site Reis da Vela, 2013.

No Brasil, grandes talentos artísticos foram revelados nos Teatros de Revista, tais como: Carmen Miranda (Figura 4), Wilza Carla, Dercy Gonçalves, Elvira Pagã (Figura 6) , Phedra de Córdoba, Darcy Ribeiro e Virgínia Leno.

Figura 5- Carmen Miranda nas décadas de 1940.



Fonte: Site Reis da Vela, 2013.

A biografia da luso-brasileira Carmen Miranda revela que ela era uma pequena grande mulher, nascida no Porto-Portugal, vinda para o Brasil com apenas 1 ano de idade. Com seus 1,52 metros de altura, pele morena, olhos verdes e vivos, cabelos castanhos claro, teve sua vida subdividida em períodos marcantes: entre 1909-1930 foi o período de sua formação na Lapa/Rio de Janeiro; entre 1930-1940 foi quando deixou o Brasil para iniciar sua carreira internacional; entre 1940-1950 foi o período de participação em filmes, peças teatrais, cassinos, etc. 1950-1955 foi o período de sua prematura morte (CASTRO, 2005).

Carmen foi criada no Rio de Janeiro, onde aos 15 anos desistiu dos estudos e começou a trabalhar em uma indústria de chapéus, o que a incentivou a estudar moda e aprender a estudar. Ela tinha o sonho de ser atriz e cantora, então nas horas vagas costumava cantar e dançar para animar festas. Em 1936, Carmen estreou no cinema em uma comédia musical (FRAZÃO, 2020).

Seus figurinos foram importantes para a moda brasileira, tendo em vista que a cantora divulgou a cultura latino-americana através do seu icônico “Miranda Look”, que foi intensamente difundido e adaptado nas ruas e ainda hoje inspira inúmeros estilistas. Carmen inseriu novamente o conceito de turbantes que antes era usados pelas somente Africanas, uma espécie de Fricção interétnica, e um dos trajes de fantasias que melhor representam o Brasil: frutas na cabeça, saias rodadas e muitos colares, intitulado de “A baiana”. Ou seja, a indumentária introduzida por Carmen Miranda, retratou a imagem da mulher brasileira que canta, dança e vive em meio ao tropicalismo nacional (LOPES & STEINKE, 2009) (Figura 5).

Figura 17 - Indumentária de Carmen Miranda: turbante, frutas e adereços.



Fonte: SENRA, 2012.

Já Elvira Pagã, nascida em Itaparé/SP, era cantora, atriz, vedete e compositora, junto com sua irmã Rosina Pagã, em diversos eventos. Na década de 50, alavancou sua carreira como vedete em teatros de revista, tornando-se uma lenda sexual do Rio de Janeiro, sendo uma das primeiras mulheres brasileiras a utilizar-se do nudismo para atuações impactantes. Elvira mantinha um corpo tido como peculiar para os padrões de beleza da época, e se tornou a primeira rainha do carnaval carioca, além de dispor de ideais progressistas, sendo uma das primeiras mulheres a desfilarem de biquini. Elvira aposentou-se da vida pública nos anos 60, vindo a falecer em 2003. Seus figurinos eram mais naturalistas, onde a cantora fazia menção à Ilha Calypso, utilizando uma indumentária mais praiana, evidenciando o corpo mais próximo da nudez. Em 1951 foi considerada a “Rainha da Mata” por manter tais ideais (UNIRIO, 2020).

Figura 18 - Elvira Pagã. (A) Revista Fon Fon, 1954. (B) O Cruzeiro, 1944.



(A)



(B)

Fonte: BONAVIDES,2017

Diante desses exemplos de grandes nomes do Teatro de Revista brasileiro, confirma-se as transformações que essa vertente de teatro ganhou, apresentando características particularmente e genuinamente brasileiras, onde inicialmente se mantinham os atributos provenientes da cultura francesa, mas que depois adquiriu um viés mais crítico e cômico, dispendo de encenações sequenciadas de quadros sem muita relação entre si, cujo desfecho culmina em uma apoteose (RIBEIRO & COLLAÇO, 2008).

Não tardou muito para que o feminino fosse objetificado como símbolo de sensualidade e sexualidade. De vedetes e coristas para costureiras ingênuas, esposas fúteis e prostitutas, o cenário mudou conforme a mentalidade da época: o feminino era percebido e idolatrado conforme a concepção sexista do masculino. A mulher posicionada como objeto sexual atuava como uma ferramenta de marketing que atraía fortemente o público masculino (RUIZ, 2009).



Figura 19 - fotografia- Coristas do início do século. Companhia Arruda, Teatro São José de SP



Fonte: VENEZIANO, 2011.2

Dessa forma, a imagem das vedetes e coristas evoluía a partir da dualidade de valores, onde uma mulher que não servisse para estar na sociedade patriarcal, sendo mãe e esposa submissas, eram identificadas como vitrines para exposição em jogos sensoriais masculinos (COLLAÇO e SANTOLIN, 2009).

Inúmeras vedetes foram denominadas como prostitutas, principalmente por apresentarem-se em espetáculos dentro de cabarés elitizados. E nesse contexto, é importante lembrar que os cabarés eram estabelecimentos de shows, onde eram apresentados espetáculos de música e dança para os clientes consumirem bebidas, refeições e divertirem-se. Contudo, existe a equivocada associação de que os cabarés eram “bordéis” ou “casas de mulheres de vida fácil”, principalmente pelo público também de “moças da vida” que frequentavam esses ambientes, e por, de fato e esporadicamente, existirem paqueras que poderiam transformar-se em “programas” (MENEZES, 2013).

Esses ambientes e eventos tornaram-se comuns no Brasil nesse período. Diversas cidades investiram milhões em cabarés e casas de lazer e muitas dançarinas francesas chegavam nas cidades para entreter os fazendeiros e

comitivas. Eram muitos cabarés que tornaram-se famosos, como: Estrela, Calçada Alta, Alabama, Imperatriz, Boate Azul, entre outros. No entanto, em 1946, o presidente da república, Eurico Dutra, concedendo um pedido de sua esposa, vetou os jogos no Brasil, que era o maior combustível dos cabarés. Nesse período, milhares de pessoas perderam seus empregos e milhões de dólares foram perdidos. Muitas cidades viviam apenas do turismo desse tipo de lazer (MENEZES, 2013).

Com as transformações no Teatro de Revista e o progresso dos cabarés, os trajes de cena também começaram a evoluir. A companhia francesa Ba-ta-clan foi a maior inspiração do período, principalmente por quem estava à frente do teatro, a figurinista, empresária e diretora Mme. Rasimi. Por 16 anos, Rasimi esboçou apreço pelo bom gosto e estilo, sendo uma referência mundial da moda, sendo citada em cartas e notas publicadas por famosos jornais da época.

Figura 20 - Madame Rasimi, 1915.



Fonte: IMAGES-MUSICALES, 2015

Um deles, o Jornal do Brasil, em 23 de julho de 1922, publicou uma nota

destacando a suntuosidade dos espetáculos e trajes da Bataclan,

No Bataclan o assombroso é o conjunto do espetáculo, são os trajes, as cores, as luzes, a música, o movimento, o *entrain* de todo aquele bulício! A beleza revelada por uma suprema elegância, um bom gosto inexcedível, uma esplendorosa e sincera alegria. (...) as revistas de Bataclan são célebres sobre todas as outras porque a sua diretora, Mme. Rasimi, é uma senhora de requintado bom gosto, de quintessenciada arte e por isso os seus trajes são os mais formosos e as suas artistas as mais belas. Nas revistas de Mme. Rasimi cada traje é feito especialmente para a artista que há de vesti-lo, realçando-lhe a beleza com a arte de que só dispõe Mme. Rasimi; ao passo que em regra os diretores de outros teatros metem as artistas dentro dos vestidos mandados fazer antes de contratadas aquelas! (JORNAL DO BRASIL, 23/07/1922, p. 11)

Na nota acima, destaca-se um importante aspecto referente ao tamanho dos trajes de cena utilizados pelo teatro. A nota reforça que Mme. Rasimi mantinha um cuidado especial com a confecção de figurinos sob medida para os artistas, algo que atualmente é óbvio, mas que na época nem todas as companhias seguiam. A importância de trajes sob medida reflete inclusive na qualidade das cenas, na organização e montagem dos cenários, mantendo uma harmonia entre cores e texturas.

Em outra nota, o Correio Paulistano, em 20 de agosto de 1922, discorreu sobre um dos espetáculos do Bataclan no Brasil:

O repertório do Bataclan não é vasto: cinco peças apenas, mas, ao que nos informam, com uma montagem deslumbrante e suntuosa, em que uma fantasia fértil colaborou com o mais requintado bom-gosto. O seu material pesa cerca de 30 toneladas e no seu guarda-roupa há mais de três mil vestidos, criações de Mme. Rasimi. O elenco é constituído de 80 figuras, escolhidas entre os melhores cabarés de Paris e de Londres. (CORREIO PAULISTANO, 20/08/1922, p. 04).

Nessa nota é possível observar a relevância que o Teatro Bataclan teve para a história dos Teatros de Revista e Cabarés, além da importância que se atribuía à riqueza e pompa dos figurinos e cenários apresentados ao público.

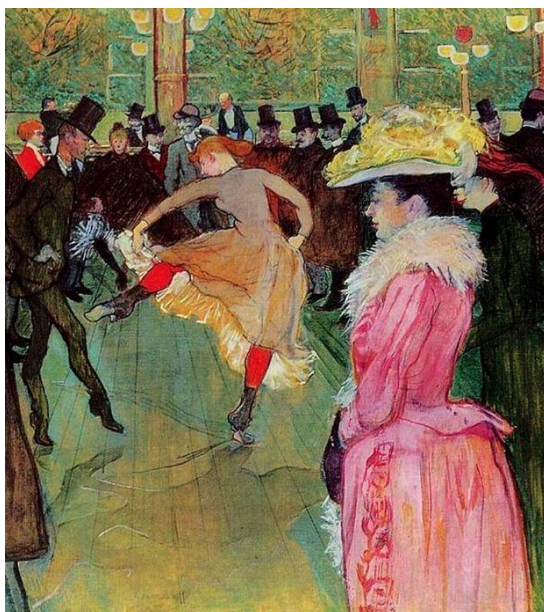
Os trajes de cena continuaram sua evolução ao longo das décadas, passando por diversos marcos históricos que serão detalhados nas seções a seguir.

### **1.3 A efervescência dos cabarés: da Belle Époque aos anos 40**

A palavra cabaré é de origem francesa, criada por volta de 1400 e representa “taberna popular, restaurantes ou salões com espetáculos de dança e muita bebida alcoólica”. A sua decoração geralmente era em tons escuros, com uma sutil iluminação, proporcionando um ambiente mais intimista e misterioso. No palco, apresentavam-se bailarinos com roupas saturadas de plumas, franjas, lantejoulas, exibindo coreografias e canções sensuais (OLIVEIRA, 2017).

Os cabarés difundiram-se por cidades francesas e alemãs no final do século XIX, na ebulição da *Belle Époque*, transformando-se em espaços luxuosos para espetáculos. Alguns dos famosos cabarés nesse período foram: *Folies-Bergère* (maior esplendor entre 1890-1920) e *Moulin Rouge* (1889).

Figura 21 - Fotografia de Moulin Rouge.



Fonte: ARTES & ARTISTAS, 2019.

Contextualizando a *Belle Époque*, este foi um período de abundância na filosofia, ciência, literatura e sociedade, em grande parte proveniente do chamado realismo-naturalismo. Os cabarés também tornaram-se símbolos desse período, com seu glamour e humor sarcástico, onde o público elitizado utilizava para diversão e lazer. Marcada pela efervescência cultural e o advento do modernismo, a *Belle Époque* foi um dos mais importantes períodos do século passado. Em português, recebe o título de “Bela Época”, sintetizando um período de muita euforia com o avanço da Revolução Industrial e tecnologias (CEREJEIRA, T., 2011).

A *Belle Époque* ocorreu durante o período de 1900 a 1914, e foi marcada pela excentricidade e ostentação, com bailes e festas luxuosos, onde gasta-se muito dinheiro, consome-se mais alimentos, praticam-se mais prevaricações, tudo em excesso (EMBACHER, 1999).

Figura 11- Belle Époque



Fonte: BORGES, 2021.

Esse período caracterizava-se também por grandes inovações artísticas, como o expressionismo e neo-impressionismo, visível pela presença dos cabarés e cafés, edificando a extravagância da classe alta. (MOUTINHO, 2000, p. 26.). Antes da Primeira Guerra Mundial, os cabarés eram conhecidos como *Vaudeville* e *Boulevard*. Após a Segunda Guerra Mundial, os cabarés entraram em cena, alguns sob o formato de cafés. Os cabarés eram pequenos locais relacionados ao submundo de cidades europeias bem desenvolvidas, onde aconteciam shows de dança, teatro, música, *strippers*, etc., tudo utilizando muitos holofotes e fumaças de cigarros. (MENEZES, 2013).

Os clientes desses cabarés da França foram exibidos por artistas como: Toulouse-Lautrec, Renoir e Degas. Toulouse-Lautrec acabou sendo convidado para criar os cartazes de divulgação de seu amigo cantor Aristide Bruant no *Les Ambassadeurs* e se tornou o melhor artista a representar as noites de boemia e o ambiente de *Moulin Rouge* de Paris, no final do século XIX. (PEZZOLO, 2013).

Em se tratando dos trajes desse período, havia a presença de muitos volumes, tecidos majestosos e com excesso de detalhes, sofrendo bastante influência do gosto pessoal do Rei Eduardo VII, da Inglaterra. A silhueta era em forma de S ou como uma ampulheta, fazendo uso de espartilhos bem apertados, deixando a cintura a chegar em 40 centímetros. As saias possuíam formato de sino e pouco volumosas, sendo composta na parte posterior por uma sutil cauda. (GONZÁLEZ, 2013).

Figura 23 - Trajes na Belle Époque



.Fonte: MORAZZI, 2015.

Assim,

As roupas eram românticas, com diversos detalhes plissados, bordados e rendas. Eram tantos detalhes que era imprescindível à mulher possuir ajuda para despir-se ou vestir-se. Os trajes de dia eram com poucos decotes, mãos cobertas por luvas, botas na altura dos joelhos, golas dos vestidos e blusas eram altos e com babados, os cabelos permaneciam presos em coques e utilizavam-se chapéus com plumas, sombrinhas e bolsas delicadas como acessórios. Durante a noite, como os eventos eram as festas e jantares luxuosos, já era permitido usar decotes, os vestidos eram muito extravagantes, presença de luvas compridas, cabelos presos com

enfeites em jóias. E como as mulheres começaram a trabalhar nesse período, os trajes também foram remodelados, observando-se a presença de paletós com saias drapeadas. (GONZÁLEZ, 2013).

No Brasil, o surgimento da prostituição teve início ainda durante a colonização, com a chegada dos primeiros tripulantes homens, que aportavam nas terras brasileiras para fins de exploração territorial. Os colonos aproximavam-se dos índios nativos a fim de satisfazerem seus desejos sexuais mais primitivos e gerarem descendentes para fortalecer a colonização. Anos mais tarde, muitas escravas passaram a sobreviver de prostituição com a finalidade de sustentar seus senhores. Os trajes que elas usavam, geralmente eram vistosos e evidenciando boa parte de seus corpos, de maneira a chamar a atenção dos transeuntes da região (SILVEIRA, 2006).

Os primeiros cabarés surgiram no Brasil, na cidade de São Paulo, em meados do século XVIII, a partir da descoberta do ouro em Mato Grosso. Logo, São Paulo tornou-se passagem obrigatória de forasteiros, criminosos, prostitutas e libertinos.

Após a chegada de Dom João VI no Rio Janeiro, em meados do século XIX, a prostituição passou a receber influências francesas, e recebeu algumas subdivisões e modificações ao longo dos anos. Em 1845, as prostitutas foram categorizadas por classes: as aristocratas, que viviam em casas com espelhos e piano, sendo mantidas por ricos e fazendeiros; as de sobradinho, que trabalhavam em hotéis ou casas de costureiras; e as de escória, que viviam em casebres humildes ou cortiços (DEL PRIORE, 2006).

No final do século XIX e início do século XX, a prostituição estava concentrada nas cidades maiores. Os bordéis e a prostituição passaram a se tornar mais populares no Brasil, onde foram construídas grandes casas de prostituição e criadas zonas de meretrício, sendo frequentados por homens de diversas classes sociais. Tais locais e ambientes passaram a funcionar através de códigos de conduta e práticas legais para organização e interação social.

A seguir um trecho que retrata bem o cenário descrito acima:



“Eu sou radical nessa de separar profissionalmente o que é freguês do que é meu homem. Nunca dormi com freguês. Mesmo que pague pela noite toda, não durmo, não gosto. Beijo na boca também não, beijo na boca só com namorado. (...) A zona da Boca do Lixo tem sua linguagem, seus códigos próprios, como em toda zona. Os lugares não conhecidos pelo número” (NOGUEIRA, 2020).

Durante a transição dos séculos XIX para o século XX, houve no Brasil intensa concentração de cabarés. Questões sociais como crise econômica, pobreza, religião e desemprego na Europa, foram marcos importantes para elevar os números da prostituição no Brasil (RAGO, 2008).

Na década de 1940, ocorreram sucessivas crises e censuras do governo de Getúlio Vargas. Na economia, as inquietações devido ao fim da Segunda Guerra Mundial, contribuíram para que houvesse um crescimento nacional a partir da queda nas exportações e importações que permitiu às indústrias nacionais desenvolverem-se. (BERCITO, 1999).

Durante o Estado Novo, o governo quis impor-se autoritariamente sobre a produção cultural do país, perseguindo os que cultivavam um estilo de vida diferente do que o governo regulamentava. A repressão começou a ser efetiva e muitos prostíbulos foram fechados em 1942. Desta data até 1946, todos os facilitadores foram desapropriados de seus estabelecimentos e os jogos foram proibidos. (LENHARIO, 1995).

Partindo para o cenário regional, no nordeste brasileiro, o contexto histórico dos cabarés ainda é pouco debatido nos estudos. Existem poucos registros acerca dessa temática.

No entanto, a pouca literatura aponta que existiram diversos cabarés e cafés com o intuito de proporcionar o prazer aos homens de diversas cidades do Nordeste.

Na Paraíba, os jovens encantados com as inovações tecnológicas da década de 1920, começaram a assumir o hábito de frequentar cinemas, salões e cafés presentes em ruas bem movimentadas da cidade. Além dessas opções de

lazer, essas ruas também detinham um público de comerciantes que as frequentava, não apenas para fins de compra e venda, mas também pela busca ao prazer e diversão. Esses estabelecimentos, embora fossem denunciados, nunca eram efetivamente fechados, pois os proprietários explicavam-se na polícia e recebiam recomendações apenas para adequações de funcionamento e o fechamento passava a ser suspenso. Além disso, essas casas eram frequentadas por médicos, professores, políticos, ou seja, o alto escalão da sociedade, então o olhar da polícia passava a ser bem mais tolerante (CHAGAS, 2004).

No Piauí, a história da prostituição, descreve que ela existia nas margens do Rio Parnaíba, devido a sua facilidade de navegação que levou a construção de um cais por onde mercadorias e comerciantes transitavam diariamente. Ainda no Piauí, nas margens do Rio Igaracu, na cidade de Parnaíba, a prostituição também dominou a história, onde as prostitutas morriam carbonizadas em nome do amor. Isto porque elas sonhavam em conhecer um grande amor, casar e ter filhos. Como a maioria dos clientes eram marinheiros, que apenas estavam de passagem pelo Porto, algumas prostitutas que já estavam apaixonadas, matavam-se ao saber que os amados não retornariam. (MORAIS, 2012).

Em se tratando da cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, poucos são os registros encontrados sobre o período pesquisado, e a investigação se deu através de entrevistas, com pessoas mais velhas que conheciam a história dos cabarés da cidade. Entretanto, em um estudo de Freire (1993), “as décadas de 40 e 50 foram primordiais para impulsionar os anos 60 e 70, considerados um período de ostentação e festividades na região”.

Natal era uma cidade pequena, que recebeu um grande impulso proveniente da instalação da base aérea militar, no município de Parnamirim, no período da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, a cidade passou a receber um elevado número de soldados norte-americanos, contexto em que se insere a história dos cabarés. (SMITH JR, 1992).

Os cabarés acabaram assumindo uma função importante no que concerne ao prazer e diversão dos soldados que passaram a residir na região, além da

população de homens nativos. As prostitutas, geralmente vinham de uma classe social mais pobre da própria cidade de Natal ou vinham de outras cidades do Nordeste em busca de emprego e sustento. Surgiram também as chamadas “prostitutas camufladas”, que eram mulheres casadas, que vinham da Bahia, Pernambuco e até do Sudeste no intuito de conhecer a cidade, mas acabavam conhecendo a fama da “Casa de Maria Boa”, que era considerado o estabelecimento mais popular e luxuoso de Natal/RN, e ficavam por lá durante os finais de semana atendendo a clientes. (FREIRE, 1993).

Esses estabelecimentos deveriam ser registrados na polícia, e seguir normas de funcionamento (Figura 1), como: situar-se em locais à margem da sociedade, onde não existissem residências familiares; as prostitutas não poderiam atuar fora dos limites do estabelecimento; os muros do local deveriam ser altos; deveriam funcionar com o som ligado das 20h às 02h da madrugada; dispor de uma luz vermelha, que somente era acesa quando o delegado permitia e funcionava como um indicativo de que os serviços já estavam em funcionamento; e os menores não podiam entrar e permanecer no local. (FREIRE, 1993).

Figura 13- Registro do Estabelecimento da Casa de Maria Boa, na época chamada de Maria Boa Drink's



ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
SECRETARIA DO INTERIOR, JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA

DEL. ESP. EM COSTUMES, ARMAS E MUNIÇÕES

CADASTRO Nº fls-026/93

Nome MARIA OLIVEIRA BARROS

Endereço Rua Padre Pinto nº 816 Cidade Alta

Espécie de estabelecimento CASA DE DRINK'S

Nome de fantasia MARIA BOA DRINK'S

Início 22.09.93

Obs.: Quando fechar ou mudar de endereço do estabelecimento, comunicar a delegacia de Costumes.

Pagou taxa de CR\$ 650,00





Fonte: PAIVA, 2015.

Dentre os principais cabarés da cidade de Natal/RN, elucida-se o de Maria Boa como o centro desta pesquisa. Situado no bairro de Cidade Alta, próximo ao viaduto do baldo, na Rua Padre Pinto, 816, tratava-se de um estabelecimento de alto luxo, com a presença de uma orquestra, as mulheres eram consideradas as mais caras da cidade, requinte e padrão de qualidade, sendo o cabaré mais procurado por políticos, médicos, marinheiros, etc. (LIMA, 2008). O local hospedava muitas prostitutas de diversas cidades, muitas do sul e sudeste, tendo, portanto, seu quadro de funcionárias sempre renovado, escolhendo e mantendo sempre mulheres bonitas e atraentes. (LIMA, 2008).

Em 1940, a dona do estabelecimento, Maria Oliveira Barros, mais conhecida como Maria Boa, natural de Campina Grande, chegou à Natal aos 20 anos.

Sendo assim, este trabalho tem como problemática central, discutir a relevância dos trajes enquanto documento histórico numa ampliação do conceito de Traje da Cena Como Documento proposto pelo Prof. Dr. Fausto Viana. E neste caso, o período histórico a ser reconstruído será o da década de 40, voltando o olhar para a vida da Maria Boa, já que existem pouquíssimos registros acerca dos trajes utilizados, tanto por ela como por suas funcionárias do estabelecimento e no cenário boêmio da época. Levando-se em consideração o que Viana e Bassi (2014, p. 28) explanam sobre os figurinos:

O figurino pode ser abordado de diferentes maneiras, por modalidades e grupos artísticos distintos. É possível que seja utilizado para indicar de maneira geral: localização espacial ou geográfica; clima, época do ano; idade da personagem; sexo; ocupação, posição social e atividade; a hora do dia e a ocasião; período histórico em que a personagem vive; fatores psicológicos.

Obviamente compreende-se que Maria Boa fazia uso de um traje social. Italiano e Viana (2015, p. 65), apontam que “o traje social é uma indumentária voltada para as práticas sociais, tais como: festas, reuniões etc”. Deste modo, o traje social utilizado por Maria Boa, também pode ser considerado um traje histórico, pois

as vestimentas contam muito sobre um determinado período de tempo, um determinado contexto social, ou uma localidade específica, que no caso era o cabaré situado na cidade de Natal, Rio Grande do Norte.

## **2 MARIA BOA: A PRIMEIRA GRANDE DAMA DA NOITE DE NATAL**

No auge da segunda guerra mundial, a capital do Rio Grande do Norte, que contava apenas com 55 mil habitantes no ano de 1942, passou de pequena e pacata cidade interiorana para se tornar uma espécie de point de diversão dos soldados americanos. Com a chegada dos militares, muitas mudanças foram vislumbradas, como por exemplo o crescimento econômico de pequenos e médios empresários, que aproveitaram a grande demanda da moeda estrangeira que circulava no mercado local, para aumentarem os seus negócios, como foi o caso de Maria Boa.

Naquela época, a população teve um aumento significativo, como afirma Protásio Melo em seu livro, Natal na segunda guerra mundial, vejamos:

A população foi aumentada em mais de 50%. Na época as autoridades calculavam um aumento de 55 mil para 85 mil, de 1941 para 1943. Aqui seriam incluídos os militares brasileiros que vieram em transferência natural e os civis de outras cidades do Nordeste, estes atraídos pelos dólares americanos.<sup>3</sup>

O crescimento populacional da cidade de Natal se deve sem dúvidas a chegada dos militares estrangeiros, o que impulsionou uma imigração em massa de comerciantes de outras cidades e até mesmo de estados vizinhos— sedentos em obter vantagens e lucros com a venda de mercadorias para os soldados americanos – além de retirantes vindos do agreste potiguar em busca de melhores condições de vida.

---

<sup>3</sup> MELO, Protásio Pinheiro de. Parnamirim e Natal na 2ª Guerra Mundial. Natal: PRAEU, 1982. p. 15.

No ano de 1940, Natal contava com aproximadamente 60.000 mil habitantes e, com a chegada das tropas a capital potiguar, o número da população quase que triplicou em um período de 10 anos.

Na época em que os soldados estrangeiros chegaram em terras potiguares, quem governava o estado do Rio Grande do Norte era Rafael Fernandes de Gurjão, e a prefeitura de Natal a cargo do então engenheiro Gentil Ferreira de Souza.

As principais atividades econômicas desenvolvidas e incentivadas por esses chefes políticos eram a agricultura (produção de cana-de-açúcar, frutas e algodão), o extrativismo (sal e scheelita) e a pecuária. As casas de exportação desses produtos localizavam-se no bairro da Ribeira, e ligavam a capital ao interior. A inserção de Natal na Segunda Guerra Mundial provocou mudanças na sociabilidade da cidade, com a criação de vários bares e a proliferação das casas de meretrício.<sup>4</sup>

A cidade de Natal passou a viver momentos dourados naqueles anos de guerra, vista como a esquina do Brasil, a capital conhecida por suas lindas e paradisíacas praias, recebia em seus braços um pedacinho da América do Norte e dos costumes que ali eram comuns, como é o caso dos cinemas, bailes de gala, bares mais estilizados entre outros.

Um pequeno município que era banhado por lindas praias e paisagens magníficas, também passou a ser conhecido pela prostituição, conforme relato de Franklin Jorge em um de seus livros onde relembra a capital potiguar por intermédio dos seus personagens: “A cidade respirava uma atmosfera altamente sexualizada. Na verdade, era o grande negócio. Virgínia, Alaíde e Zezé eram as prostitutas mais famosas e requisitadas. As moças não queriam namorar os brasileiros, passaram a usar saíngas curtas e a tomar Coca-Cola, a bebida da moda.” (2001, p. 126).<sup>5</sup>

Ao mesmo tempo em que era vista como uma cidade propícia para descanso de férias, também era notada pelo crescente aumento da prostituição,

---

<sup>4</sup> Disponível em <  
<https://fatosefotosdenatalantiga.com/o-cotidiano-da-cidade-de-natal-na-segunda-guerra-mundial-1942-1945/>> acesso 21 de abril de 2022.

<sup>5</sup> JORGE, Franklin. O Spleen de Natal. 2ª edição. Natal: Editora da UFRN, 2001.

dando abertura para que estrangeiros viessem a capital potiguar em busca de mulheres. É o que Lima descreve, vejamos:

Nas cidades brasileira, do final do século XIX ao início do XX ampliou-se a jogatina, o consumo de música e a liberdade sexual (ou de outras possibilidades sexuais). O cabaré é, nas cidades, onde se pode encontrar reunidos músicas, jogos e sexo ... uma excelente expressão do 'desenvolvimento' urbano, muitas vezes visto como o lugar onde a moralidade é extirpada. Nesse contexto de mudança pela qual passava a capital potiguar, Maria Boa demonstrou grande visão nos negócios e inaugurou sua casa de prazeres no período em que reinava na cidade ampla prosperidade advinda da fixação da base militar americana em Parnamirim (BARROS, DALCIN, LIMA, 2012, p. 4).<sup>6</sup>

A moeda americana era tão chamativa que haviam boatos de que os maridos alugavam suas esposas aos soldados estrangeiros em troca de dólares. Comentavam ainda, que alguns homens ficaram até mesmo ricos fazendo esse tipo de negócio, mas o que se sabe de fato, era que as moças preferiam mesmo era namorar os soldados, o que facilitava a obtenção de riqueza por parte de alguns oportunistas.

Neste panorama surgia um dos Bordéis mais conhecidos e requintados na cidade, o Cabaré de Maria Boa. Nascida na cidade de Remígio na Paraíba no ano de 1920, Maria Oliveira Barros chegou a capital do Rio Grande do Norte acidentalmente e, com apenas 22 anos de idade, se tornou uma das mulheres mais conhecidas e “poderosas” da capital potiguar.

A trajetória de Maria Boa e o seu cabaré, são objetos de discussões e destaque até hoje em sites, revistas de moda e fofocas, além de citações. Era uma mulher bastante aclamada por aqueles que somente conheciam a sua fama pelo

---

<sup>6</sup> BARROS, Yasmênia Evelyn Monteiro de; DALCIN, Jessica Freire e LIMA, Monique Maia de. Do esplendor do Cabaré de Maria Boa ao ostracismo do Beco da Quarentena (1942-1950). In: Anais da ANPUH/RN. Caicó, 2012. Disponível em: [http://www.rn.anpuh.org/evento/veeh/ST03/Do%20esplendor%20do%20Cabare%20de%20Maria%20Boa%20ao%20ostracismo%20do%20Beco%20da%20Quarentena%20\(1942-1950\).pdf](http://www.rn.anpuh.org/evento/veeh/ST03/Do%20esplendor%20do%20Cabare%20de%20Maria%20Boa%20ao%20ostracismo%20do%20Beco%20da%20Quarentena%20(1942-1950).pdf)> acesso 23 de abril de 2022.



sucesso que a grande boate fazia, além de ser uma das principais responsáveis pela propagação de prostituição em Natal.

O que se sabe sobre a grande cafetina Maria Boa, era que ela possuía uma mente visionária de empreendedorismo, e um olhar mais estratégico dos negócios, o que a fez abrir um cabaré no período em que mais circulava a moeda americana, impulsionando os seus planos de se tornar uma mulher rica.

O cabaré de Maria Boa foi criado com o intuito de proporcionar aos seus frequentadores noites quentes regadas a bebidas e mulheres fáceis. Ademais, o estabelecimento ia além de um mero cabaré, estava mais ligado a uma espécie de casa noturna com inúmeros espetáculos.

Destacando-se dos demais cabarés existentes na cidade, o Maria Boa Drinks era considerado um ponto turístico para os homens que chegavam a Natal , além de ser um point para os clientes que residiam na cidade.

Os desbravadores que chegavam à capital potiguar em busca de atrações, logo eram convidados a visitar o cabaré e a prestigiar as lindas mulheres que ali trabalhavam. Entretanto, não era qualquer um que era convidado, apenas aqueles que possuíam uma certa condição financeira. Arrisca-se até em afirmar que essas mulheres foram as responsáveis em mostrar aos jovens de famílias abastadas de Natal o que seria sexo e prazer.

Assim foi aberto o Cabaré mais conhecido na história do RN, que proporcionou noites fervorosas não só ao público local, como também aos estrangeiros militares que transitoriamente estavam a serviço em Natal.

## **2.1 Vida e ofício**

A vida da Maria Oliveira Barros nem sempre foi regada a ouro, nascida em uma pequena cidade do interior do estado da Paraíba, Maria provou do pior castigo que uma moça de família poderia sofrer na época. Por ter sua história um tanto

controversa, algumas pessoas contam que Maria Boa, como era conhecida, foi expulsa de casa por seus pais ainda jovem por ter se envolvido amorosamente com um homem que se recusou a casar com ela, o que a fez se revestir de mágoa e vingança para se tornar a dona do império de cabaré no Rio Grande do Norte.

Conhecida por ser uma das figuras mais conhecidas da prostituição norte-rio-grandense, Maria Oliveira Barros, entrou para a história não só de Natal, mas também do Brasil. Expulsa de casa pela família, Maria não tinha estudo, sequer era vista em eventos sociais e nem mesmo possuía um ciclo de amizade, mas logo conseguiu dar a volta por cima e começou a empreender.

Entrevistando uma das sobrinhas de Maria Boa, Dona Aglail Barros, ela conta que Maria Boa era vista pela família como uma “preciosidade”, por ser a única filha mulher de seu Pedro Ferreira Barros e de Dona Delfina Oliveira Barros. O pai de Maria, microempreendedor, era um tanto quanto rígido e a sua palavra era a que predominava nas tomadas de decisões da família. Dona Aglail explica então como surgiu o apelido de “Maria Boa”:

No mês de Maio aconteciam as Quermesses, onde os noiteiros contribuíam para o custeio da Festa de Nossa Senhora da Conceição, a padroeira da cidade e as mulheres trabalhavam nas barracas vendendo comida. E lá estava Maria Boa, na época com seus 14 anos de idade e um freguês se aproxima da barraca e pede uma cerveja para a amiga de Maria e como ela estava ocupada, Maria prontamente serve o rapaz e com isso, recebe o apelido de “Maria Boa”, pelo seu gesto bondoso. Apesar de muitos alertarem Maria sobre os fins maliciosos do apelido “boa”. Mesmo sem se agradar do apelido, as pessoas não deixam de chamar Maria, de “Maria Boa”. (BARROS, A, Entrevista - 2022)

Aos 16 anos, Maria fica noiva e foge com seu noivo para João Pessoa. Mas rapidamente é encontrada pelo seu pai, que a leva para a delegacia junto com o seu noivo, para firmar o casamento. No entanto, como dito anteriormente, o noivo

convence Maria a dizer que ele não foi o primeiro homem a lhe “tocar” e assim ele escapa do casamento e Maria é expulsa de casa pelo pai.

A história de Maria Boa possui divergências quanto ao modo que chegou a Natal, entretanto alguns relatos dão conta de que ela foi morar em João Pessoa, capital da Paraíba, onde trabalhou em uma tipografia como secretária, e de lá foi levada a Natal para trabalhar em um cabaré no bairro da Ribeira<sup>7</sup>.

Segundo o jornalista Alderico Leandro Alvares, Maria Boa teria chegado a Natal em companhia de um homem muito rico chamado Nezinho Fernandes, onde trabalhou como empregada doméstica na casa deste homem. Contam que Nezinho mantinha relações sexuais com Maria Barros e, para não sujar sua honra, ofereceu a ela uma moradia, vestimentas, alimentos e a condição de “amante doméstica”, como forma de aglutinar interesses distintos. Posteriormente Maria Barros teria sido amante do Dr. Manoel Vilar, oftalmologista de renome e único da cidade do Natal. Segundo Alvares, ela sabia pouco ler e escrever, mas tinha uma inteligência exemplar, juventude farta e beleza admirável, ao que acrescenta Vinicius Moraes, tinha também um gosto apurado por cinema, artes, música e literatura.<sup>8</sup>

Para conseguirmos visualizar um fragmento da estrutura familiar de Maria Boa, foi necessário recorrer aos familiares. No organograma abaixo é possível visualizar o primeiro contato que a autora teve com a história de Maria Boa, através do entrevistado Robério Araújo, que forneceu informações relevantes para a pesquisa. Em seguida, o contato da autora foi com um dos sobrinhos de Maria Boa, José Barros, que encaminhou o contato da sua irmã, Dona Aglail Barros, também sobrinha de Maria Boa. Com o auxílio das memórias trazidas por Dona Aglail, identificamos que Maria Boa teve diversos irmãos e que grande parte dos familiares apoiavam o seu trabalho, inclusive prestando serviços para a o empreendimento de Maria. Seu Severino Oliveira Barros por exemplo, pai de Dona Aglai, foi gerente da

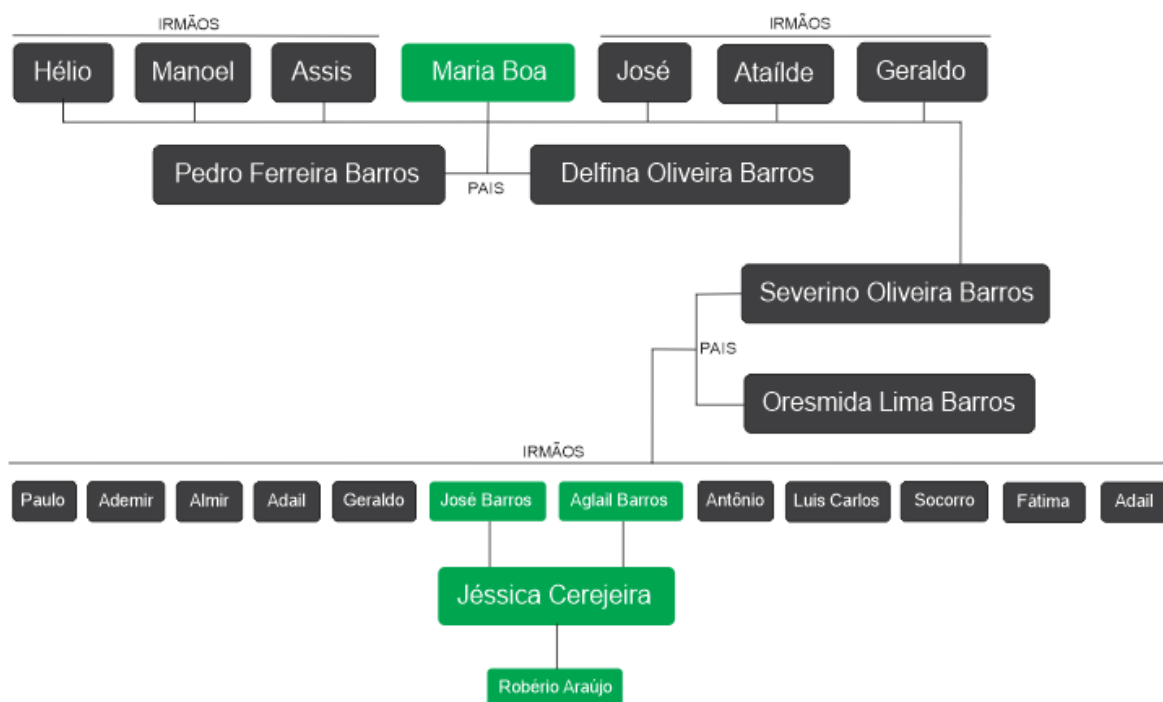
---

<sup>7</sup> PAIVA, Lara. Disponível em < <https://brechando.com/2020/12/14/acharam-uma-foto-do-cabare-de-maria-boa/>> acesso em 17 de abril de 2022.

<sup>8</sup> SANTOS, Rosenildo da silva. Representações Das Mulheres E Do Feminino Na Obra Literária Madame Colette.

Casa de Maria Boa por muitos anos, sendo o braço direito dela em toda a parte burocrática e administrativa da Casa. Os sobrinhos e demais familiares que moravam próximos, guardam boas recordações de Maria, como uma mulher boa, que gostava de ajudar pessoas carentes, mas sem deixar saberem que ela ajudou. Aos finais de semana, a família vez por outra se reunia para festejos e almoços na Casa de Praia de Maria Boa. Mas quando o assunto era trabalho, a família sempre chegava junto. Nos festejos juninos da Casa por exemplo, a família ajudava cortando as bandeirinhas para decoração interna. E assim, eles se empenhavam para garantir o sucesso da Maria Boa Drink's, o maior empreendimento do ramo, na capital potiguar.

Figura 24 - Organograma de uma parte da estruturação da família de Maria Boa e ponto de contato com a autora.



Fonte: Entrevista com a sobrinha de Maria Boa, Dona Aglail Barros, 2022..

Mas confrontando essas versões com a contada por Dona Aglail, é sabido que Maria Boa chegou à Natal e o taxista deixou ela diretamente na porta da antiga “Pensão Ideal”, que depois passou a ser chamada de “Pensão Estrela”, onde ela trabalhou por alguns anos, até decidir abrir o seu próprio cabaré.

Ao lado de grandes nomes da cidade, Maria Barros transitava livremente ao lado de pessoas da mais alta sociedade, passando a frequentar até mesmo o salão do esplendoroso Grande Hotel, um lugar banhado por luxo e glamour, onde Maria encontrou a oportunidade para conseguir os melhores amantes.

Em uma dessas idas ao Grande Hotel, ouviu falar que os Estados Unidos estariam ingressando na II Guerra Mundial como aliados, e fariam do RN uma base militar, e foi nesse momento que os planos de abrir um cabaré nasceu.

Uma outra versão da vida de Maria Barros conta que, Madame Georgina, dona da Boate Estrela em Natal, soube da beleza de Maria Boa e foi diretamente buscá-la em João Pessoa, e que em sua estreia no Estrela foi considerado um grande espetáculo, usando roupas e jóias que chamavam bastante atenção aos olhos dos clientes que ali frequentavam.<sup>9</sup>

Na noite em que foi apresentada a sociedade Natalense, Maria conheceu um grande proprietário de um engenho que também era funcionário público, e de cara logo se apaixonou por ela, passando a sustentá-la e a visitá-la semanalmente no Estrela.<sup>10</sup>

Relatam que durante o período em que mantiveram o romance “proibido”, Maria Boa descobriu que estava gestante do seu amante, e que ao avisar do seu estado gravídico, a notícia não foi recebida com bons olhos e nem alegria. Em um momento de euforia e raiva, o fazendeiro desferiu um chute no ventre de Maria, o que lhe causou um sangramento intenso e por consequência um aborto.

Talvez pela perda que havia sofrido, Maria resolveu romper com a Madame Georgina e abrir seu próprio cabaré, entretanto percebeu que Natal não havia locais

---

<sup>9</sup> SOARES, Lenin Campos. Disponível em <<https://www.nataldasantigas.com.br/blog/maria-boa-empresaria>> acesso em 17 de abril de 2022.

<sup>10</sup> Ibid.

de diversão para homens com música, teatro, comida, bebidas, cigarros além de lindas e educadas mulheres para lhes acompanhar.

Era de se espantar naquela época uma mulher que levava a vida de forma devassa nos cabarés, conseguir levantar um império apenas mudando a figura do cabaré, e ainda sustentar seu negócio por quase 40 anos.

No início da década de 40, Natal recebia uma cultura fortíssima dos americanos e, por ocupar uma área menor do que representam os atuais bairros Ribeira, Cidade Alta, Rocas, Petrópolis e Alecrim, além das povoações do Passo da Pátria, Quintas, Guarapes e as praias da Redinha e Areia Preta, o modo de viver daquela pacata e pequena cidade mudou da água para o vinho.<sup>11</sup> Os potiguares passaram a ter noites mais agitadas, com inúmeras atrações como é o caso dos cinemas, teatros e bailes de gala.

Percebendo que naquele meio poderia lucrar ainda mais com o seu negócio, Maria Boa ousada em seus negócios, deu um tiro na sorte e conseguiu levantar um império jamais visto no ramo de prostituição.

Sobretudo, a vida da grande cortesã era considerada uma caixinha de surpresa, pouco se sabe sobre sua vida pessoal, já que ela fazia de tudo para proteger sua família de escândalos e até mesmo de indivíduos mal intencionados.

Apesar de lidar com prostituição, Maria Boa era vista pelas pessoas como se não pertencesse aquele mundo, pois seu comportamento era extremamente discreto, fazendo com que transitasse normalmente na sociedade sem que fosse vista com mal olhado e desprezo.<sup>12</sup>

Gostava de ajudar famílias carentes e, sempre que podia comprava cestas básicas e distribuía, sem mencionar que ajudou muitas mães de ex-funcionárias suas até o leito de morte.

---

<sup>11</sup> Disponível em : <

<https://fatosefotosdenatalantiga.com/o-cotidiano-da-cidade-de-natal-na-segunda-guerra-mundial-1942-1945/>> acesso em 02 de maio de 2022.

<sup>12</sup> Disponível em: <

<https://pensenumanoticia.com.br/pense-no-dia-em-que-faria-cem-anos-nossa-homenagem-a-maria-bo-a-a-dama-da-noite>> acesso em 02 de maio de 2022.

Maria Boa era uma grande amante do cinema, chegando a ir duas a três vezes na semana e como conta Dona Aglail, ela gostava de filmes bons. Maria foi bastante influenciada pelos filmes que eram capa de Hollywood, usava roupas elegantes costuradas exclusivamente pela sua costureira, sandálias de salto alto, passeando pelas ruas, sempre bem perfumada e chamando a atenção de todos pelo seu estilo e classe.

Os gostos de Maria Boa por moda foram basicamente influenciados em razão dos cinemas, das cenas de filmes em que via atrizes bem vestidas e elegantes sendo cortejadas por homens bonitos.

Por diversas vezes chegou até mesmo a ser pedida em casamento por oficiais das forças armadas americanas, que se encantavam com a beleza de Maria Boa. Era realmente uma mulher disputada e que tirava o fôlego do público masculino.

De acordo com Débora Azevedo em 23 de julho de 1997, em entrevista cedida ao Diário de Natal, a cerca de uma confraternização em família:

“Numa cadeira ao lado, sentou uma senhora usando vestido azul e sandálias pretas. (S) seus traços físicos ainda guardavam sinais de uma mulher que já fora muito bonita, de belo corpo. Conversei uma hora com a mulher ao lado. Ao final do papo, ela perguntou meu nome. Respondi à senhora e, por educação, fiz a mesma pergunta. Com um sorriso, ela me respondeu: ‘Me chamo Maria de Oliveira’. (S) Alguns minutos após, minha avó se aproximou, comentei com ela: ‘Que mulher distinta e educada, ela parece uma lady do tipo inglesa’. Minha avó disse: ‘Você estava conversando com Maria Boa.’”<sup>13</sup>

Não bastando ser uma mulher com gosto refinado, Maria Boa também sabia que poderia lucrar no ramo de prostituição e, percebendo que público pagaria caro por um espaço luxuoso com diversas atrações e com lindas meninas, conseguiu convencer um amigo a lhe apoiar e, juntos abrirem um cabaré que fosse mudar as noites da cidade de Natal.

Localizado na rua Mermoz, na cidade Alta, o cabaré somente teve seu momento de êxtase no período da segunda guerra mundial, pois os americanos, que

---

<sup>13</sup> Débora Azevedo em entrevista ao Diário de Natal, 23 de julho de 1997.

montaram uma base em Parnamirim/RN, passaram a frequentar e a gastar muitos dólares utilizando os serviços que ali eram prestados.

O cabaré chamava a atenção de grandes comerciantes, estrangeiros de alta patente e também de políticos do estado, pois não era apenas uma casa de prostituição comum, existiam regras e requintes os quais todos deveriam cumprir.

Os homens não poderiam entrar de qualquer forma, as vestimentas deveriam estar em conformidade com o ambiente, além disso, existiam espaços no cabaré que separavam os convidados da alta sociedade dos demais ali presentes.

As mulheres que prestavam os serviços no cabaré deveriam ser convidativas e se portarem com requinte e sofisticação, pois não era um cabaré comum como os demais que existiam nas redondezas, era um lugar de distração e diversão.

A qualidade na prestação do serviço era uma das marcas do cabaré, além disso, as meninas deveriam estar sempre em sintonia com a arquitetura do ambiente, usando roupas bonitas e bem maquiadas.

Quanto à educação das garotas, Maria Boa se mostrava bastante exigente, tudo isso para que elas se portassem com maior requinte, mostrando serem conhecedoras de teatro, artes, livros e concertos. Essas moças deveriam saber conversar e entreter homens da alta sociedade, e para isso precisariam conhecer o mundo que eles frequentavam.

Os americanos eram os que mais visitaram a boate de Maria Boa, chegaram até mesmo a eleger o local pelo nome de “ambiente para aliviar as tensões da guerra”.

Desta forma, o cabaré de Maria Boa se firmou como um estabelecimento de renome internacional, sendo frequentado até mesmo por personalidades estrangeiras, destacando-se pelo luxo e administração do cabaré.

O local não era apenas um *point* para pessoas que queriam noites mais agitadas e quentes, mas servia também como espaço para reunião de empresários, além de possuir as melhores comidas, cigarros e bebidas das redondezas.



Maria Boa era uma mulher que possuía planos ousados de como gerenciar um negócio, e foi por isso que se tornou uma grande lenda não só em Natal, como também na segunda guerra, chegando até mesmo a ser homenageada pelos americanos ao batizarem um avião B-25 da Força Aérea Brasileira por nome de Maria Boa e outros terem sua imagem fixada.<sup>14</sup>

O escritor Marcio Dantas exalta a classe de Maria Boa descrevendo a dama da noite da seguinte forma: “Mulher distinta e discreta, depois de ataviada pelas aias, nas antológicas noites licenciosas, a abadessa permanecia na sua cela. Quando tomava conhecimento de alguém importante no Salão, dirigia-se solenemente, e com grande polidez, reverenciava o visitante: político, industrial, fazendeiro”.<sup>15</sup>

O cabaré além de ter sido palco de grandes atrações, foi também cenário de um filme no ano de 1997 “ For All- Trampolim da Vitória”, de Buza Ferraz e Luiz Carlos Lacerda, tendo recebido diversas premiações.<sup>16</sup>

Maria Boa proporcionava alegria aos seus clientes, gostava de estar sempre no meio de pessoas da alta sociedade, assim como amava se vestir com as melhores roupas usando adereços que ofuscavam as demais mulheres que se aproximavam dela.

Nos períodos carnavalescos, as meninas do cabaré de Maria usavam as mais belas e ousadas fantasias afim de atrair ainda mais olhares curiosos dos homens. Eram festas agitadas e divertidas que levavam muitas pessoas a procurarem esse tipo de ambiente em busca de entretenimento e sexo.

---

<sup>14</sup> PAIVA, Lara. Disponível em <  
<https://brechando.com/2020/12/14/acharam-uma-foto-do-cabare-de-maria-boa/>> acesso em 17 de abril de 2022

<sup>15</sup> Disponível em: <  
<https://pensenumanoticia.com.br/pense-no-dia-em-que-faria-cem-anos-nossa-homenagem-a-maria-bo-a-a-dama-da-noite/>>

<sup>16</sup> PAIVA, Lara. Disponível em <  
<https://brechando.com/2020/12/14/acharam-uma-foto-do-cabare-de-maria-boa/>> acesso em 17 de abril de 2022

Por ser um ambiente convidativo ao público masculino, em especial para aqueles que detinham um padrão de vida consideravelmente elevado, o cabaré de Maria Boa era certeza de diversão e atrações das mais variadas.

Entretanto, o reinado de Maria Boa começou a declinar após o fim da segunda guerra mundial, pois teve que abandonar o espaço situado no bairro cidade alta para alugar um ambiente menor.

Mesmo com as dificuldades enfrentadas por Maria Boa, ela ainda permaneceu por bastante tempo no ramo de prostituição, mas terminou por abandonar a vida em cabaré.

Maria Boa até a sua morte continuou sendo aquela mulher discreta, e poucas pessoas a reconheciam ou sabiam da sua história, pois, apesar de ser dona de cabaré, ela apenas administrava o negócio, vista apenas como uma mulher ambiciosa.

Aos 77 anos de idade, Maria Barros, após ter ficado internada no hospital São Lucas em razão de um Acidente Vascular Cerebral, veio a óbito deixando um legado muito grande para a história de Natal.

A grande dama da noite trouxe à tona para aquelas mulheres que sobreviviam de bordéis uma voz de socorro e atenção, pois muitas viviam exclusas da vida na sociedade sem qualquer representatividade, vivendo à margem da sociedade.

Até hoje o nome de Maria ainda é lembrado com honra por aqueles que conheciam somente pelo seu glamour, como uma linda música de tango, canção que era mais tocada nas noites de festas no cabaré.

## **2.2 A Casa de Maria Boa**

Aberto na década de 40 e encerrado suas atividades ao final dos anos 90, o cabaré de Maria Boa, situado no bairro de cidade Alta, pertencia ao espólio de Nelson Faria. Sobre o seu estilo, ele comentava que ela era uma senhora extremamente fina, de linha, talvez por que sua casa fosse frequentada por homens

que faziam parte da “fina flor” da sociedade natalense, desta forma assumiu essas atitudes.<sup>17</sup>

Além de mulheres de que passavam uma aparência de classe, o ambiente possuía sofisticação, sem mencionar que possuía uma cozinha privilegiada, sendo considerada a pioneira na venda de galetos assados.<sup>18</sup>

Distante dos demais Bordes da cidade, o cabaré de Maria Boa possuía uma localização privilegiada, pois ficava próximo do centro comercial da cidade e dos locais onde as pessoas de maior poder aquisitivo frequentavam.

O então famoso cabaré de Maria Boa era uma imensa casa luxuosa, com bastantes seguranças, bonito espaço e por sinal com serviços onerosos, e que apesar de ser um cabaré com valores acima dos demais existentes, os homens faziam de tudo para conhecê-lo e se divertir.

Situado ao final da rua Padre Pinto, centro de Natal, um local escondido, um casarão bem arborizado, florido e também bastante discreto. Ao entrar no salão, o cliente encontrava uma casa repleta de móveis na tonalidade vermelha, estilo clássico, além de um salão com diversas damas dançando tango.<sup>19</sup>

O entrevistado R. Araújo conta que dentro da Casa todo o ambiente era impecavelmente lindo e limpo e dá detalhes sobre o espaço:

Vamos à entrada: 8 degraus ml formato de L, ladeado por pequenas grades de ferro fundido. A porta tinha aproximadamente 1,80m de largura. Tinha uma pequena varanda de cerca de 6m<sup>2</sup>, com telhado, apoiados em mãos francesas, para evitar colunas do lado de fora. Ao adentrar a porta, via-se colunas e do lado esquerdo, um bar no estilo americano, com balcão de cerca de 4m. Mais adiante ficavam 6 mesas e ao fundo uma roncola (vitrola de ficha no estilo cubana) e uma área que se dançava. Funcionava com

---

<sup>17</sup> Disponível em: <

<https://pensenumanoticia.com.br/pense-no-dia-em-que-faria-cem-anos-nossa-homenagem-a-maria-bo-a-a-dama-da-noite/>> acesso 19 de abril de 2022.

<sup>18</sup> Ibid.

<sup>19</sup> Disponível em: <

<https://blogdovavadaluz.com/cultura/maria-boa-cem-anos-de-uma-historia-real-de-amor-e-muita-putaria>> acesso 22 de maio de 2022

discos compactos de vinil, com duas músicas em cada lado. As roncotas eram mais longas. Ao entrar para o lado direito da Casa, tinha duas fileiras de 4 mesas de cada lado e uma mesa maior no final do salão, à direita. No fim do salão do lado direito, via-se dois quartos, sem banheiros, só com lavatórios. No final do salão, à direita, do lado esquerdo, outra porta levava à quatro quartos que tinham uma pérgula na frente. Desses quatro quartos, dois tinham banheiro privativo e dois tinham lavatórios. Mais adiante tinha um pequeno corredor onde ficava o quarto dela. As cores predominantes da casa eram amarelo claro, branco e cinza. (ARAÚJO, ROBÉRIO. Entrevistado pela autora - 29/06/2015)

De acordo com o saudoso Câmara Cascudo, em seu livro História da cidade do Natal, existiam em média 12 casas onde viviam algumas famílias e que a cidade não passava de uma pequena Vila. Um pedacinho considerado tradicional da cidade, local de inúmeras mudanças no decorrer do tempo, alto escalão da sociedade, ou melhor, ocupado nos primeiros anos pela chamada “burguesia” que logo foi se direcionando para outros bairros da região.

O bairro de Cidade Alta até hoje mantém o seu reinado na história de Natal, sendo um dos precursores em desenvolvimento econômico, mantendo a sua importância e contribuição para os norte-rio-grandenses. Lá estão situados prédios de grande importância, como é o caso da Assembleia Legislativa, Tribunal de Justiça do RN, prefeitura de Natal, PROCON além de ser considerado o centro comercial da capital do estado do RN.

Maria tinha o costume de realizar “noites regionais”, onde chamava um sanfoneiro para tocar e animar a noite e as “noites de piano”, pois ela tinha um belo piano na Casa, onde tocava o famoso pianista Paulo Lyra e no saxofone acompanhava o músico João Martins, relembra Dona Aglail. Alguns relatos dão conta de que se o visitante tivesse sorte, talvez ouviria a voz de Odair José soando

na vitrola<sup>20</sup>. Veriam caminhando pelos corredores do ambiente mulheres bem trajadas e de aparência singular, todas bem simpáticas e à disposição dos clientes.

Naquele local o álcool deveria ser servido sem qualquer cortesia, não podendo faltar uma cerveja bem gelada. O cabaré de Maria Boa sem dúvidas era um local luxuoso, bonito e por sinal bastante oneroso.

Palanque de grandes reuniões de grandes empresários e políticos, no cabaré de Maria passaram pessoas de grande renome da cidade.

Em um trecho retirado do site FATORRRH, o autor conta um pouco da história de Maria Boa, e em um dos trechos fala sobre o cabaré e sobre o funcionamento, vejamos:

Ainda na década de 1970, o cabaré de Maria Boa mantinha sua fama. Aldaliphal Cintra, então estudante do Colégio Marista era frequentador do local. Hoje, vagueando pelas ruas, embora a bebida lhe tenha enevoado um pouco as lembranças, aquelas do Maria Boa, segundo ele, permanecem guardadas. “Era um sonho. A gente tomava banho, trocava de roupa, passava o melhor perfume e ia pro Maria Boa. Depois de receber a permissão de entrar de um segurança que ficava numa guarita, a gente parava o carro sob as frondosas mangueiras e íamos em busca das sonhadas meninas. Lá, me lembro bem, tinha duas escadas. Uma, que ficava na lateral, era para todo mundo, e outra, que ficava na frente, era reservada para os grande clientes, feitos por políticos, profissionais liberais, empresários, etc. Nessa parte Vip, tinha uma espécie de varanda na qual Maria desfrutava com seus amigos alguns drinks. Severino, o garçom, nunca olhava com bons olhos para aquela turma de jovens. Claro, ninguém tinha dinheiro para esbanjar. Mas, às vezes, quando aparecia um dinheiro a mais, esse era reservado para gastar no Maria Boa. De posse do dinheiro, vinha o segundo momento que era a escolha da mulher. Coisa difícil, já que cada uma era melhor do que a outra. Tomada a decisão, vinha a terceira etapa: quarto normal ou suíte? Bem, aí dependia de quanto se tinha e da disposição. À direita da entrada ficavam os corredores dos apartamentos. De um lado, os quartos normais, que tinham uma pia, um sabonete e uma toalha e ventilador.

Nas suítes, tinha ar-condicionado, chuveiro e uma série de mordomias. Podia até pedir um Rum e uma Coca direto para o quarto. Uma glória.”  
Depois dos “trabalhos” o rapaz mudava de status. “Esse aí já “atuou” no

---

<sup>20</sup> Disponível em: <

<https://blogdovavadaluz.com/cultura/maria-boa-cem-anos-de-uma-historia-real-de-amor-e-muita-putaria>  
> acesso 22 de maio de 2022

Maria Boa!" Era um diferenciado! Hoje, só tenho essas lembranças, nada mais", finalizou Cintra.<sup>21</sup>

O grande destaque do Cabaré em relação aos demais que existiam, era o espaço onde se podia beber, jogar e realizar fantasias sexuais na Natal do século XX era a manutenção de padrões de higiene distintos e rigorosos, além de que suas meninas eram versadas em etiqueta francesa, se vestiam, mesmo fora do cabaré e do horário de trabalho, à moda hollywoodiana e deveriam ter capacidade de se comunicar em outros idiomas, ou seja, deveriam ser capazes de satisfazer à mesa e à cama<sup>22</sup>

Os modos e a vida de Maria Boa seguiam uma dinâmica que assemelhava a de algumas casas de prostituição francesa no século XIX, pois as mulheres que almejavam trabalhar em seu cabaré, deveriam passar por uma seleção minuciosa observando desde a sua aparência física ao modo de se comunicar, conforme afirma uma das mulheres que trabalhou naquele ambiente: Se tivesse qualquer defeito, se fosse viciada, lá não aceitava.<sup>23</sup>

Seguindo os costumes franceses de que a casa não tinha o cunho apenas sexual, mas sim comercial, o cabaré deveria ser regado por bebidas à base de álcool, comidas de diferentes tipos, garçons espalhados por todo o ambiente, além de possuir salas reservadas para receber clientes mais discretos.

Casas destinadas ao público masculino foram tomando outros moldes, deixando de ser apenas lugares de prostituição para se tornarem locais de grandes apresentações de espetáculos, envolvendo danças e muita música.

As vestimentas das mulheres que trabalhavam no cabaré deviam ser impecáveis, não poderia ser qualquer tipo de roupa, e assim essa dinâmica se deu da década de 40 até por volta de meados dos anos 80.

---

<sup>21</sup> Disponível em:

<https://fatorrrh.com.br/2020/06/25/pense-no-dia-em-que-faria-cem-anos-nossa-homenagem-a-maria-b-oa-a-dama-da-noite/> acesso 12 de abril de 2022.

<sup>22</sup> SANTOS, Rosenildo da Silva. Representações Das Mulheres E Do Feminino Na Obra Literária Madame Colette.

<sup>23</sup> Entrevista cedida a autora em 23/04/2004 por Isabel, trabalhadora do sexo na boate Maria Boa de 1980 a 1995.

Conforme relato de uma das mulheres que trabalhou no cabaré, todas deveriam usar enfeites, bem como estarem maquiadas e usando roupas finas, e para cada dia um figurino diferente.<sup>24</sup>

O que existia na realidade, era uma grande preocupação de Maria Boa quando o assunto era as suas meninas. Tudo que se relacionava ao aspecto físico era questionado pela grande dama da noite, como é o caso das vestimentas, que deveriam estar sempre condizentes com o ambiente e, quando elas saíssem em público, deveriam usar roupas recatadas e elegantes, jamais serem vulgares e desarrumadas. As funcionárias que descumprissem suas ordens, sofreriam uma certa punição.

Os serviços que eram prestados por Maria Boa se diferenciavam das demais boates, tanto no quesito qualidade do serviço, ambiente mais alegre e as mulheres se mostravam bem mais educadas e requintadas.

O Cabaré era administrado para funcionar de maneira eficiente, desde a recepção, onde era disponibilizado seguranças, no bar onde haviam diversos garçons distribuídos pelo ambiente, até as moças que eram selecionadas para cada tipo de cliente.

O cuidado com o salão era outro diferencial do Cabaré, pois além das moças que abrilhantavam o local, o espaço deveria reproduzir um ambiente aconchegante para os clientes, conforme relato, vejamos:

Era uma casa muito grande de salões amplos e ela ajeitou duas ou três salas numa só, e ali era o ambiente para receber [...].  
"[...] Era um ambiente com luzes não muito fortes, meio difusas.  
Um ambiente muito bom, mesas devidamente cobertas, mulheres bonitas.<sup>25</sup>

Seguindo o mesmo costume dos estabelecimentos europeus, Maria Boa residia no próprio cabaré, conforme afirma Cecília que trabalhou durante 11 anos para ela: [...] tínhamos quartos [...] pra o lado de cá onde era a suíte dela, porque teve uma época que ela morava lá mesmo, dentro da boate[...].

---

<sup>24</sup> Ibid.

<sup>25</sup> Entrevista com o professor Protásio Melo.

O cabaré possuía locais reservados para pessoas mais discretas, eram salas onde homens mais ricos, da alta sociedade passavam para não serem vistos pelas pessoas que circulavam pelo salão.

Quanto ao horário de funcionamento daquele local, havia uma espécie de disciplina, onde todos deveriam estar arrumados às 08h da manhã para o café, em seguida todos retornavam aos seus quartos para descansar. Ao meio dia iniciava o almoço e terminava às 13h, tudo de forma bem rígida.

As mulheres deveriam ter uma postura altamente profissional, desta forma deveriam evitar excessos no modo de agir e tratar os clientes, sendo consideradas pelo público como meninas de cama e mesa, por serem bem selecionadas. A própria Maria Boa fazia questão de ensinar e repassar seus conhecimentos em moda, livros, teatros e cinemas as suas pupilas uma vez por semana, conforme depoimento de Glória Oliveira Barros, sobrinha de Maria Boa, vejamos:

“ As mulheres de Maria Boa eram muito bonitas, eu não sei como se dava a seleção, mas o que posso dizer é que todas eram muito bem-educadas. Eram mulheres de todos os lugares. ”<sup>26</sup>

“As mulheres de Maria Boa têm uma predileção pelo grego, em detrimento do latim. Usam a palavra gala, e não esperma. Gala é leite em grego. ”<sup>27</sup>

Maria Boa além de ter sido exigente quanto às moças que iriam trabalhar no cabaré, exigia também que todas elas fossem atentas quanto aos seus amantes, e evitassem ao máximo manter aproximação com pessoas que possivelmente estivessem com alguma doença.

Todo esse medo se deu em razão do surgimento de notícias internacionais sobre a AIDS, que era uma doença sexualmente transmissível e sem cura, como consequência houve um declive de clientes nas boates em todo lugar. De acordo com Cecília, ex-funcionária de Maria Boa, a AIDS foi a época que paralisou tudo,

---

<sup>26</sup> Depoimento de Glória Oliveira Barros, sobrinha de Maria Boa, realizado em entrevista.

<sup>27</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. História da cidade do Natal. 2ed. Natal: INL- UFRN, 1980.



quase ninguém frequentava o cabaré, ao contrário do ano de 1975, onde o fluxo de clientes era intenso.

Temerosa pelas informações que circulavam sobre as doenças de cunho sexual, Maria Boa exigia que todas as meninas fizessem exames de rotina, além de cuidados pessoais de higiene, obrigando elas a tomarem remédios contra sífilis, estando doentes ou não.

Todo esse cuidado era uma forma de evitar que seu negócio fosse a ruína, assim preservava ao máximo o nome que o seu cabaré tinha.

Apesar de ter um grande aparato que o levava a ser discreto, o cabaré foi alvo de um abaixo-assinado redigido por alguns moradores que residiam nas proximidades, que tinham interesse em ver aquele local fechado. Uma outra parcela dos vizinhos, percebendo que aquele ato era totalmente desnecessário, resolveram rebater e defender a permanência do cabaré de Maria Boa. O caso foi levado tão a sério que até os tribunais foram acionados, no entanto o caso foi dado como ganho para a dona do cabaré, desta forma, garantindo a permanência do estabelecimento naquele bairro.

Hoje em dia, ao passar pelo antigo cabaré, percebe-se que o local ainda permanece com os seus muros altos ainda firmes, o que na época garantia a privacidade daquele lugar. Apesar de todo esse cuidado de manter ao máximo aquele estabelecimento discreto e longe de confusão, alguns vizinhos continuavam a marginalizar o ambiente e as pessoas que ali frequentavam, inclusive Maria Boa.

### **2.3 Memórias boêmias que eternizaram a lendária Maria Boa**

Maria Boa deixou um legado muito grande para a história de cidade, mudando drasticamente contexto de cabaré no Rio Grande do Norte, e trazendo uma nova roupagem do que seria uma boate sem ênfase na prostituição, mas tão somente em propiciar aos seus fregueses um lugar aconchegante livre das preocupações do dia-a-dia, com inúmeras atrações além do espaço ser agraciado por mulheres bonitas e bem vestidas.

Ao recordar de Maria Boa, o escritor Aurino Araújo, no O Poti, de 28 de março de 1995, relata que “Sua história merece ser escrita um dia, até mesmo porque, por trás daquilo tudo, reinava a figura discreta e influentemente poderosa de D. Maria Oliveira Barros, que avaliava títulos nos bancos para alguns figurões locais”<sup>28</sup>.

Para Torres Neto, em seu artigo, ‘A primeira dama de Natal’, o trajeto de Maria de Oliveira Barros: “Tornou-se conhecida como Maria Boa. Mesmo com pouco estudo ela despertou o gosto por música, cinema e leitura.

Aquela excêntrica mulher, trouxe para a cidade de natal o que seria a junção de diversão, entretenimento e sexo, desfazendo paradigmas e reinventando um modelo de cabaré jamais visto pelas redondezas, o que chamou a atenção de muitos clientes em vários locais do Brasil e até mesmo no estrangeiro.

Ao tentar identificar informações sobre a vida de Maria Boa, foi localizado referências a um exercício de autoria de Maria de Fátima de Souza intitulado “A época áurea de Maria Boa (Natal-RN 1999)”, menções ao artigo “Retratos de silêncio de Maria Boa”, publicado em 2002 pelo professor Márcio de Lima Dantas e ainda uma entrevista concedida a Everaldo Lopes pelo cantor Valdick Soriano, na qual ele teria afirmado que, quando esteve em Natal pela primeira vez, cantou para as meninas de Maria Boa.<sup>29</sup>

Por ser um modelo feminino que despertava nos homens uma certa atração, Maria Boa utilizava esse seu dom para atrair ainda mais pessoas de grande influência no estado para seu estabelecimento, chegando até mesmo a ser considerada uma das mulheres mais poderosas e elegantes de Natal.

A sua companhia significava status para quem tivesse a honra de desfrutá-la. Homens de famílias tradicionais se ofereciam para estar ao seu lado em eventos. Segundo Torres Neto, “Eliade Pimentel, no artigo ‘E o carnaval ficou na

---

<sup>28</sup> Disponível em:

<https://pensenumanoticia.com.br/pense-no-dia-em-que-faria-cem-anos-nossa-homenagem-a-maria-bo-a-dama-da-noite>> acesso em 26 de maio de 2022.

<sup>29</sup> SANTOS, Rosenildo da silva. Representações Das Mulheres E Do Feminino Na Obra Literária Madame Colette.

memória' destaca a presença de Maria Barros nos carnavais de Natal: "Lá pela década de 50, os desfiles passaram a acontecer na avenida Deodoro da Fonseca. Maria Boa desfilava com Antônio Farache em carros conversíveis".<sup>30</sup>

Sobre a participação de Maria Boa no carnaval de Natal, o grande jornalista Ticiano Duarte na edição do 'Diário de Natal', de 12 de março de 1995, conta que "nos carnavais de rua (era na avenida Rio Branco com a rua João Pessoa) havia um corso e ela aparecia com a meninas fantasiadas, desfilando. Vez por outra, um boêmio desfilava no carro ao lado das meninas, para escândalo geral da cidade".<sup>31</sup>

A liberdade que desfrutava e o assédio que sofria em suas aparições para a sociedade, causava um certo tipo de sentimento nas pessoas. Ora, uma mulher que se portava como se da alta sociedade fosse, passeava sem qualquer receio entre os mais variados locais da cidade, não é à toa que causava grande inveja por parte das mulheres da cidade e cobiça por inúmeros homens.

A figura lendária é lembrada também pelo dentista Odilon Garcia, que em seus relatos afirmava que "Maria Boa era uma mulher elegante. Vendo-a andar pelas ruas, ninguém era capaz de dizer que ela era dona de um cabaré".<sup>32</sup>

Quando Maria Boa era perguntada o porquê de Natal respeitar tanto a sua figura, sendo ela apenas uma proprietária de cabaré, ambiente tão repudiado por parte da massa e amado por aqueles que se aventuram às escondidas da noite, ela respondia: "Natal me respeita porque eu respeito Natal", segundo o que se conta. Mas o advogado e ex-professor universitário, Paulo Lopo Saraiva, oferece outra resposta: "Maria foi respeitada e importante para Natal porque seu cabaré deu voz e status a mulheres que eram excluídas da sociedade."<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> Disponível em:<

<https://pensenumanoticia.com.br/pense-no-dia-em-que-faria-cem-anos-nossa-homenagem-a-maria-bo-a-dama-da-noite/>> acesso em 26 de maio de 2022.

<sup>31</sup>Ibid.

<sup>32</sup> Disponível em:<

<https://pensenumanoticia.com.br/pense-no-dia-em-que-faria-cem-anos-nossa-homenagem-a-maria-bo-a-dama-da-noite/>> acesso em 26 de maio de 2022.

<sup>33</sup>Disponível em<

<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/conhea-a-a-historia-de-maria-boa-personagem-ica-nica-da-s egunda-guerra-mundial-em-natal-que-completaria-100-anos-em-2020/497825#:~:text=Os%20anos%2>

Mistério era uma das características que mais marcou a vida de Maria, dona de um reputado cabaré, não gostava que a fotografassem e sequer dar entrevistas. Para algumas pessoas, esse seu modo discreto tinha relação com a sua família, era uma forma que ela via para proteger suas netas, que estudavam nos colégios de classe média de Natal, e também resguardar os nomes da sua freguesia, que era constituída por grandes figuras masculinas e considerados de “homens de boas famílias”.

Apesar de Maria Boa ser dona de um cabaré de luxo, ela não se prostituía e sequer tinha a vida devassa como algumas pessoas pensam. A dona do império dos cabarés era reservada, ficava somente com os homens que ela gostava e tinha apreço, era como se fossem uma espécie de namorados.

Datam que ela gostava de presentear os seus clientes mais próximos, o que causava um certo desconforto nas famílias. Relata Diógenes da Cunha Lima, que “Certa vez ela presenteou o marido de uma prima, e essa minha prima perguntou que história era essa de ficar ganhando presente de uma ‘puta’. Dias depois, Maria Boa estava tomando chá com essa minha prima na casa dela”.<sup>34</sup>

Um dos entrevistados dessa pesquisa, Robério Araújo, conta que entrou pela primeira vez no cabaré de Maria Boa aos dez anos de idade, em uma festa organizada por José Elesbão, um garçom da casa e como ele era um dos amigos do pai de Robério, ele levou Robério na Casa de Maria Boa. Ao entrar, ele relata que se maravilhou com o ambiente, pois pela fachada, não dava para imaginar como era bonito por dentro. E ao longo da vida, Robério não deixou mais de frequentar a Casa. Ele conta, que mesmo depois de casado, ainda ia lá para beber e mesmo sem se relacionar com nenhuma das mulheres da Casa, fez muitas amigas por lá. Ele lembra que às 2 horas da manhã, a Casa fechava os portões e não era mais permitida a entrada de ninguém após esse horário.

---

0de%20ouro%20de,e%20alugou%20um%20estabelecimento%20menor.> acesso em 28 de abril de 2022.

<sup>34</sup> Ibid.

O advogado e também professor Paulo Lopo Saraiva, que frequentou o cabaré de Maria e chegou a levar turmas inteiras de estudantes de direito para dar aulas no local, por exemplo, chegou a conversar com ela apenas três vezes. “Não sei se ela tinha consciência da importância que ela teve para Natal, mas não tenho dúvidas que foi muito importante. Eu levava meus alunos porque dava aula de uma disciplina chamada ‘Direito achado na rua’ e sabia que ali era o maior exemplo disso”, contou o advogado.<sup>35</sup>

Maria Boa ficou eternizada não só na história de Natal, como também do Brasil, apesar de poucos conhecerem a sua trajetória durante os anos dourados da segunda guerra mundial no Rio Grande do Norte.

#### **2.4 Trajes e a cena do cabaré de Maria Boa**

Maria Boa foi uma mulher que chamou bastante atenção por sua elegância, discrição e sutileza no meio público, além de ter um gosto um tanto refinado para a moda. A dona do Cabaré mais conhecido na cidade não deixava a desejar no modo como se vestia e se portava, e por isso arrancava olhares dos homens mais cobiçados da região.

A grande dama da noite tinha para si todos os holofotes, usava joias em ouro e com bastante detalhes que chamavam atenção de todos, não é à toa que os homens de grande poder aquisitivo desejavam ter a companhia de Maria Boa.

Por possuir um toque mais sensível às tendências da moda da época, Maria Boa usava toda sua criatividade para estar sempre entre as mais belas e elegantes damas de Natal. Ora, para conseguir estar sempre antenada na moda, gostava de ir ao cinema apreciar as atrizes dos filmes e se espelhar nas vestimentas das

---

<sup>35</sup> Disponível em<

mulheres de Hollywood, e ouvir ainda mais os seus admiradores suspirarem apaixonados.

Maria boa não era diferente de nenhuma outra dama da alta sociedade, pois além de ter uma elegância invejável, vestia-se como se fosse a um grande evento arrancando olhares tortos das mulheres que a viam e a invejavam.

A dona do Cabaré mais aclamado pelo público masculino de Natal não era vista como uma meretriz, mas sim como uma mulher de bom gosto por usar trajes conceituados e bem desenhados. Passeava pelas ruas bem vestida e aproveitava para ir a lugares onde somente a alta sociedade frequentava, gostava de chamar atenção por sua beleza e simpatia, era uma mulher inteligente.

Os homens faziam fila somente para estar ao seu lado, era uma espécie de “status” acompanhar a grande dama da noite, e isso a fazia circular pelas ruas de Natal como uma dama qualquer, sem qualquer preconceito.

Em uma das inúmeras histórias relatada pelo jornal Diário de Natal, uma senhora declarou em uma entrevista que havia conversado com a famosa Maria Boa, mas que não a identificou, pois pensava que estava conversando com uma “lady do tipo inglesa”. Dias depois soube por sua avó que aquela dama se tratava da dona do Cabaré de Natal, Maria Boa.<sup>36</sup>

Bastante exigente, Maria pedia que as prostitutas se espelhassem nela, mantendo a mesma discrição e elegância que possuía. Dizem que a cafetina exigia educação das mulheres a qual acolhia, garantindo idas ao teatro, concertos, exposições.<sup>37</sup>

No auge do cabaré de Maria Boa, entre as décadas de 50 e 60, estima-se que entre 50 e 70 prostitutas trabalhavam no estabelecimento. Elas eram chamadas

---

<sup>36</sup> Disponível em

[http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/conhea-a-a-historia-de-maria-boa-personagem-ica-nica-da-segunda-guerra-mundial-em-natal-que-completaria-100-anos-em-2020/497825#:~:text=Os%20anos%20de%20ouro%20de,e%20alugou%20um%20estabelecimento%20menor.](http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/conhea-a-a-historia-de-maria-boa-personagem-ica-nica-da-segunda-guerra-mundial-em-natal-que-completaria-100-anos-em-2020/497825#:~:text=Os%20anos%20de%20ouro%20de,e%20alugou%20um%20estabelecimento%20menor.>) > acesso em 19 de abril de 2022.

<sup>37</sup> Ibid.

de 'As meninas de Maria', apelido popularizado pelo historiador Luís da Câmara Cascudo.<sup>38</sup>

As funcionárias do Cabaré não se vestiam de qualquer maneira, além disso, existia todo um ritual durante o dia para que aquelas mulheres pudessem aparecer no salão lindas e bem maquiadas. Deveriam dormir adequadamente e usar cremes no rosto e no corpo para parecerem sempre bem cuidadas e bonitas durante suas apresentações.

Todas as funcionárias de Maria Boa deveriam estar sempre limpas e cheirosas, sem mencionar que as roupas não poderiam estar desalinhas e fora de sintonia com o ambiente, que por sinal era bastante luxuoso.

Naquele local eram recebidos homens do alto escalão das forças armadas americanas e brasileiras, além de políticos, juristas e grandes empresários, assim, todas aquelas moças deveriam ter uma aparência formidável para agradar os clientes.

O cabaré de Maria Boa era palco de grandes atrações, dentre elas as danças e peças teatrais, os quais eram feitos exclusivamente pelas prostitutas do cabaré. Bem trajadas, deveriam passar a imagem de luxo e prazer satisfazendo todas as fantasias mais obscuras dos clientes.

A ideia de Maria era deixar o cabaré ainda mais parecido com os grandes cabarés franceses, uma mistura de luxo, atrações e lindas mulheres. De acordo com Marco Antonio de Menezes, os cabarés na antiga França eram da seguinte forma:

O can can era a dança deste lugar onde os janotas bebiam licor e as prostitutas de alta classe formavam a imagem frenética de um mundo enriquecido e alegre. Uma certeza inabalável presidia esse mundo: a de que ele era eterno e superior. Nestas casas os boás eram usados para efeitos cênicos e para envolver os espectadores pelas cores fortes e beleza.<sup>39</sup>

Ao som de músicas e bebidas, o Cabaré de Maria Boa era badalado e encenado por prostitutas dançando ao som de cada melodia. Os homens ficavam

---

<sup>38</sup> Ibid.

<sup>39</sup> MENEZES, Marco Antonio de. Cabarés: história e memória. XVII simpósio nacional de história. Natal/RN

encantados e seduzidos, e terminavam por entrar naquela diversão com aquelas meretrizes.

Menezes descreve que os cabarés franceses eram espaços pequenos e ligados ao submundo das grandes cidades europeias dedicados a shows, fossem eles de dança, teatro, música, contadores de piadas, strippers, enfim, um grande show de calouros onde a fumaça de cigarro nublava os holofotes e enchia as narinas.<sup>40</sup>

Todo esse aparato era criado de forma a propiciar aos seus clientes um ambiente de alegria e diversão. A partir do momento em que aqueles homens entravam naquele local, as mágoas, estresses e correria do dia-a-dia eram deixados para fora, e ali assumiam o papel de anfitriões daquele espetáculo de danças e entretenimento.

Toda essa capa que Maria Boa passava aos seus clientes era uma forma de ganhar ainda mais admiradores, no entanto o que se passava por trás dos bastidores não era exposto, pois ali existiam histórias de mulheres sofridas que se submetiam aos caprichos de uma cafetona para poderem sobreviver.

Muitas foram atraídas a trabalhar no cabaré por não ter outra escolha na vida, eram moças vindo de cidades pequenas sem qualquer instrução que viram naquele local a única maneira de não passar fome.

As mulheres que trabalhavam para Maria deveriam seguir as regras, caso contrário eram dispensadas sem qualquer indenização, eram uma espécie de escravas do sexo.

Coagidas por Maria Boa, a usar o charme para persuadir os homens mais requisitados da cidade, elas também deveriam ser ousadas nas suas performances, segurar o máximo que podiam os homens oferecendo bebidas e comidas até chegarem no ápice da noite.

---

<sup>40</sup> MENEZES, Marco Antonio de. Cabarés: história e memória. XVII simpósio nacional de história. Natal/RN



As meninas usavam um figurino para cada espetáculo, como era o caso das danças do strip-tease, onde as dançarinas usavam roupas que levavam a loucura todos ali presentes, demonstrando toda a sensualidade em suas performances.

Nos períodos de carnaval, o cabaré de Maria Boa era considerado um local de encontro dos homens mais conhecidos da cidade, que ali iam somente para prestigiar as prostitutas bem fantasiadas, beberem suas cervejas bem geladas de forma segura e tranquila além de poderem ficar com qualquer mulher naquele local, menos a anfitriã.

Eram noites agitadas no cabaré da grande dama da noite, e talvez seja por isso que ela se tornou uma das figuras femininas mais desejadas da cidade. Estava sempre à frente da sociedade, era o seu intuito, ser sempre o centro das atenções.

Em contrapartida, as suas prostitutas deveriam ser usar toda a criatividade e recursos disponíveis para confeccionar figurinos que capazes de tirar o fôlego não só dos anfitriões, como também das mulheres dos seus amantes.

Para Maria Boa, quanto mais bem vestidas e cuidadas, mais eram capazes de conseguir cliente ricos que proporcionasse mais lucro ao estabelecimento.

Sobre essa questão, Bourdieu (1998) relata que as mulheres são tratadas como objetos ou como símbolos cujo sentido lhes está alheio e cuja função é manter o capital simbólico – especialmente a honra – em poder dos homens<sup>41</sup>.

O termo “objeto” usado por Bourdieu se refere ao modo como as prostitutas eram tratadas dentro do cabaré, serviam apenas como meio de auferir lucros e mais visibilidade a grande cafetina de Natal.

Desta forma, todas as homenagens e reverências eram dadas a Maria Boa, pois, apesar de possuir um grande império de prostituição, não tinha a vida prosmíscua como as demais mulheres do cabaré, era apenas quem gerenciava o negócio.

---

<sup>41</sup> BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

## 2.5 O cabaré na perspectiva de uma cena teatral

Para entender melhor o que seria o cabaré sob uma perspectiva teatral é necessário voltarmos um pouco no tempo. Em um dado lapso temporal, foi estabelecido na sociedade um pensamento um tanto preconceituoso sobre o que seria o “cabaré”, no entanto ao longo dos anos essa visão começou a tomar outros moldes, deixando de ser um termo com fins sexuais, para se tornar algo mais voltado a diversão, espetáculos.

A transformação do sentido do que seria o cabaré veio por volta do século XIX, onde as peças teatrais possuem nomenclaturas para especificar o gênero teatral. Existiam as chamadas “peças sérias” e as “peças alegres ou ligeiro”, esta última estava mais ligada a ideia de circo, e a primeira com o sentido mais de “culto”.

A escritora Ermínia Silva, em seu artigo descreve o surgimento desses gêneros da seguinte forma, vejamos:

No entender daqueles críticos, eram gêneros do teatro popular que surgiram paralelamente ao desenvolvimento acelerado das grandes capitais européias, como Londres e Paris, e que pretendiam, principalmente, divertir o espectador em teatros, onde o público era formado por uma mistura de grupos sociais: burgueses, operários, comerciantes, camponeses, desocupados, mendigos; no caso do Brasil, por exemplo, até por escravos. Gente que se trasladava para as cidades, dando origem a uma sociedade em transformação, ávida por novas formas de expressão e de lazer.<sup>42</sup>

As pessoas se reuniam nas ruas apenas com o fim de se divertirem, e não era reservado apenas aos homens, era aberto para todos os gêneros, inclusive crianças, desde o mais rico ao mais pobre.

De acordo com Erminia, as atrações mais vistas na época eram:

Em geral, os gêneros teatrais que levavam essa denominação eram: revista ou revista do ano, mágicas, vaudevilles, burletas, cançonetas, café-concerto, cabaré, teatro de variedades e operetas.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> SILVA. Ermínia. HISTÓRIAS DO AQUI E AGORA: CABARÉ E TEATRALIDADE CIRCENSE. Artigo publicado no site

<sup>43</sup> Ibid.

Em uma sociedade totalmente desigual, as peças teatrais em pleno espaço livre serviam como forma de unir aquelas pessoas, entreter e levar alegria. Era um sucesso de público, apesar de haver discórdia entre os artistas que se achavam intelectuais e letrados, desmerecendo os demais que trabalhavam exclusivamente com espetáculos de rua.

De acordo com Souza (2002, p.234-242), os espetáculos não eram somente shows acrobáticos, cuspir fogo ou engolir espadas, eram um movimento que uniam diversos artistas com um único intuito, divertir a “ plebe e a burguesia”, o escravo e a família, o aristocrata e o homem de letras.<sup>44</sup>

A figura do cabaré como um espetáculo foi firmada a partir de reuniões de pessoas em clubes e café, eram locais de dimensões reduzidas apresentados por um mestre-de-cerimônias. Nesses espaços eram servidas bebidas alcoólicas e comidas, e as pessoas passavam a ter um contato mais próximo com os artistas cantantes ou cômico, em razão do local ser menor.

Os cabarés da época também serviam como meio de exposição de críticas sobre política, eram uma forma das pessoas exercerem o direito de livre expressão.

Nos dias atuais, muitas pessoas ainda comparam prostituição com o cabaré, uma cultura totalmente oposta do que era vista na Europa.

Erminia em um dos trechos do seu artigo menciona a mudança do que seria o cabaré:

Na década de 1980, começou a surgir uma nova forma de cabaré. Uma nova geração de comediantes alternativos começou a difundir sua obra frente a um público reduzido, mas participante. Na década de 1990, o cabaré serviu de plataforma a grupos de artistas jovens cujo trabalho (a meio caminho entre o cabaré e a revista) envolveu uma participação entusiasta do público.<sup>45</sup>

A mudança se tornou tão significativa, que no Brasil começaram a usar também o termo “cabaré” para designar as atrações circenses, levando ao público

<sup>44</sup> SOUZA, Sílvia Cristina Martins de – As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na corte (1831-1868). Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

<sup>45</sup> SILVA. Ermínia. HISTÓRIAS DO AQUI E AGORA: CABARÉ E TEATRALIDADE CIRCENSE. Artigo publicado no site.

os mais diversos gêneros artísticos, alegrando a todos e também divulgando os trabalhos artísticos.

Contando resumidamente o que seria o Cabaré, voltemos para a época onde vigorou a mais cobiçada dama da noite, Maria Barros. Como já mencionado, a cortesã mais bem paga de Natal, apesar de ter uma visão a frente dos demais cabarés da cidade, não era diferente no quesito exploração de suas funcionárias. O seu objetivo nunca foi transformar o conceito de cabaré, mas sim de conseguir mais fama e dinheiro através do seu empreendimento.

Apesar de inovar com diversidade de espetáculos para o público masculino, as atrações sempre estavam voltadas a minimizar a figura feminina por intermédio da prostituição, fazendo com que os homens fizessem filas para se deleitar e aproveitar

Com a chegada dos soldados estrangeiros o fascínio por fantasias amorosas e principalmente as que eram vistas em filmes de Hollywood, foram alimentadas por Maria Boa. Natal vivia sob forte impacto cultural, eram tantas novidades que a grande cortesã passou a ser a principal atriz do seu elenco no cabaré.

A fama do cabaré soava por todos os lados, e os visitantes que chegavam a Natal eram logo informados sobre o local, era uma espécie de ponto turístico. Uma fama um tanto ruim, já que a cidade passou a ser conhecida como referência de prostituição.

Com músicas tocando a noite toda, mulheres fazendo suas apresentações, além de ser também palco de grandes discussões políticas, o Cabaré de Maria Boa servia como uma espécie de refúgio para os turistas que chegavam ao RN em busca de mulheres fáceis e promíscuas.

### **3 COSTURANDO E DOCUMENTANDO OS TRAJES DE MARIA BOA**

No que diz respeito à confecção de um dos trajes de Maria Boa, todas as

etapas do processo foram registradas, utilizando-se de recursos da própria discente. Vale salientar que a busca por reproduzir através de um protótipo bem acabado, um dos trajes utilizados por Maria Boa, reconstitui ainda, de certa forma, um tempo e uma espacialidade para o fazer cênico a que se propõe também esta pesquisa, além é claro, de fomentar a criação de uma personagem partindo de um determinado traje, como afirma VIANA, 2015:

O traje teatral não precisa, de fato, ser a reconstrução exata do que foi uma roupa. Sua função principal é dar ideia de quem aquela personagem é, com diversas “pistas” sobre sua “persona”.

Para poder esboçar o primeiro croqui do traje utilizado por Maria Boa, foi necessário fazer uma análise aprofundada do que estava sendo usado no período em que ela viveu, voltando o olhar para a cidade de Natal.

### **3.1 Pesquisa e criação**

A investigação a respeito do traje se deu principalmente através da análise dos relatos do professor Robério Araújo e Dona Aglail Barros, ambos já mencionados anteriormente.

Robério trouxe então relatos de como se vestiam as mulheres que trabalhavam no cabaré de Maria Boa, no período em que ele entrou lá, em Outubro de 1972. Ele comentou que as mulheres não se vestiam de forma “espalhafatosa”, pois Maria Boa só queria que elas se portassem como mulheres direitas, elegantes, bem educadas, já que o público que atendiam era de pessoas da alta sociedade. As mulheres que trabalhavam na Casa não disputavam clientes e nem eram obrigadas a beber. Ele conta que na década de 70 (Figura 25), as roupas eram mais decotadas e curtas e se assemelhavam com roupas de dormir. Já na década de 80, dentro da

Casa, no momento do “expediente” as mulheres se vestiam com minissaias, meias coloridas com saltos, roupas com brilhos e paetês e usavam e abusavam dos comprimentos mais curtos e blusas e vestidos mais decotados, maquiagens coloridas e fortes e cabelos com volume e franjas, bem semelhante a imagem abaixo:

Figura 25 - Referência visual de como as mulheres se vestiam nos cabarés da Década de 70, em comparação com o que as mulheres usavam no Cabaré de Maria Boa.



Fonte: Imagem enviada pelo entrevistado Robério Araújo.

Mas embora se vestissem assim para trabalhar, no dia a dia, para passeios diurnos ou noturnos, essas mulheres usavam sempre roupas comuns, discretas e elegantes, de forma que não era possível identificar que eram prostitutas, pelo estereótipo que se tem de que essas mulheres geralmente se vestem e se portam de forma vulgar em todos os momentos. Já na década de 90 (Figura 26), a forma de se vestir eram mais casual, as mulheres não carregavam na maquiagem, usavam maxi colares e brincos e todas andavam com uma bolsa pequena ou média, para

colocar camisinhas e alguns acessórios eróticos, conta Robério.

Figura 26 - Referência visual de como as mulheres se vestiam nos cabarés da Década de 90, em comparação com o que as mulheres usavam no Cabaré de Maria Boa.



Fonte: Imagem enviada pelo entrevistado Robério Araújo.

Já a Dona Aglail Barros, revela que a ausência de registros se deve ao fato de que a própria Maria Boa tinha aversão a reportagens e fotos no interior da casa, já que por lá transitavam várias figuras públicas e da alta sociedade. Dessa forma, os únicos registros que tivemos acesso, foram os poucos que estavam disponíveis na internet e os que a Dona Aglail gentilmente disponibilizou para a pesquisa.

Neste traje abaixo, por exemplo, é possível ver que existiu uma preocupação em trazer o elemento do drapeado partindo de um dos ombros, em um tecido que se assemelha a uma alfaiataria leve e fluida, já que neste período os tecidos de poliéster já haviam se popularizado e caído no gosto feminino. A blusa ou vestido da imagem, possui meio forro ou revel para o acabamento do decote. E é possível ver o apreço que Maria tinha pelos acessórios, que segundo Dona Aglail, eram jóias, pois ela não usava bijouterias e era constantemente presenteada pelos seus admiradores com jóias e bons perfumes importados.

Figura 27 - Fotografia de Maria Boa, do álbum da família Barros, 2022.



Fonte: Imagem enviada pela entrevistada Aglail Barros, sobrinha de Maria Boa - retirada do álbum da família, 2022.

Nesta imagem (Figura 27) também é possível observar a beleza da época, que faz alusão aos elementos presentes na maquiagem da década de 50, onde a febre do momento era o batom vermelho intenso, cremoso e levemente escuro, delineado “gatinho”, um blush rosa, comumente chamado de “rouge”, bem marcado



na maçã do rosto, um lápis para delinear as sobrancelhas e uma “pinta” preta, entre o canto da boca e o nariz, feita com lápis de olho. Dona Aglail comenta que era muito comum ver Maria usando batons mais discretos de dia, em tons rosados e que dificilmente via a tia usar batons vermelhos, como os vistos nas fotos. Os cabelos sempre escuros, curtos e ondulados com “bobs”. Vale reforçar que a referência de Maria Boa nesse período eram as protagonistas dos filmes de Hollywood e como uma boa e fiel frequentadora de cinema, ela sempre estava atualizada sobre os looks das estrelas do Hollywood. Então ela se dirigia as lojas de tecidos e já com a roupa em mente, comprava os melhores tecidos, sendo o linho, os tecidos naturais em geral e de bom caimento os seus preferidos, sempre em cores mais sóbrias ou tons mais saturados, como o vermelho e os tons terrosos. Com os tecidos em mãos, Maria se dirigia a sua costureira de longas datas, Dona Eutíquia, que de forma primorosa, interpretava as ideias de Maria e confeccionava as peças sob medida para ela, escolhendo apenas os aviamentos, de seu gosto. Mas antes de mandar confeccionar, Maria Boa frequentava sempre as suas lojas preferidas da cidade: “Duas Américas”, “Casa Rio” e “Formosa Síria”, que atualmente já não existem mais, conta Dona Aglail.

Na imagem abaixo, vemos que a beleza e acessórios são os mesmos, mas agora ela usa um vestido ou blusa, com uma padronagem de mini floral bem delicado, em fundo escuro.

Figura 28 - Fotografia de Maria Boa, do álbum da família Barros, 2022



Fonte: Imagem enviada pela entrevistada Aglail Barros, sobrinha de Maria Boa - retirada do álbum da família, 2022.

Analisando através das fotos as preferências de Maria Boa, nota-se o seu gosto refinado e seu estilo clássico e romântico na hora de se vestir. O seu bom gosto estava nos mínimos detalhes e inclusive nas peças de baixo, comuns do período, como as anáguas. Dona Aglail relembra durante a entrevista, sobre uma anágua com bico de renda francesa, engomada, que Maria Boa usava.

Nesse período era comum o uso de meias-calça pelas moças da casa, no tom da pele, para dar um ar sofisticado à produção e disfarçar as imperfeições e manchas das pernas. No entanto, as que não tinham condições para comprar boas meias, que facilmente desfiavam, optavam por desenhar uma linha preta, centralizada na parte de trás da perna, representando a costura das meias calças, como era costume na época. Mas como essa linha era apenas para simular a meia, as mulheres também precisavam de um truque para disfarçar as manchas e

imperfeições da perna e a indústria de cosmético começou a lucrar com esse desejo, apostando em produtos de maquiagem para camuflar as manchas e uniformizar a pele da perna.

Figura 29 - Mulher desenhando linha preta na parte posterior da perna, para simular a costura da meia calça, década de 40.



Fonte: <https://www.devoltaaoretro.com.br/2019/04/meia-calca-anos-40.html>

Os registros que se encontram de Maria Boa são ínfimos e é de fato uma lástima, pois de acordo com o depoimento de R. Araújo, um dos frequentadores entrevistados, os trajes de Maria Boa eram confeccionados por Dona Eutíquia, costureira de confiança e adornados sempre de forma discreta, com cores neutras e estampas com temáticas florais e geométricos.

Sempre muito elegante, ela não abria mão de marcar a cintura no lugar,

silhueta bem característica das décadas de 40 em diante. Não costumava usar peças muito decotadas ou saias muito curtas ou com fendas. Preferia as mangas curtas, decotes redondos, em “V” discretos ou canoa e os comprimentos midi, seja no vestido tubinho, como no mais evasê.

Figura 30 - Fotografia de Maria Boa, do álbum da família Barros, 2022



Fonte: Imagem enviada pela entrevistada Aglail Barros, sobrinha de Maria Boa - retirada do álbum da família, 2022.

Já nos pés, Maria Boa gostava de combinar o tom do sapato e da bolsa com

a cor da roupa que estava usando. Nesse período, os sapatos mais comuns eram os *baby dolls*, que poderiam vir de salto baixo ou médio, com bicos redondos ou quadrados e vinham em diversas cores, das mais vivas ao pretinho básico indispensável no guarda roupa de qualquer mulher que queria estar na moda.

Figura 31 - Cartaz do calçado *baby dolls*, muito comum na década de 40.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/409898003588222019/>

Na foto abaixo podemos ver Maria Boa utilizando um sapato no modelo “*baby doll*”, na cor branca. Ela tinha preferência por calçados lisos e discretos, mas as vezes gostava de ousar um pouco mais e usava alguns mais elaborados, com detalhes em flores aplicadas.

E pelo formato em “cone” do seio, é possível ver que ela estava usando um *bullet bra*, ou o famoso sutiã cônico que foi uma febre entre as celebridades da

época e que depois se popularizou. Esse sutiã em formato de cone, cobre todo o busto e tradicionalmente era confeccionado em nylon ou cetim e que mesmo sem possuir um aro, ele se mantém estruturado pelo enchimento que leva, pelas costuras em círculos concêntricos ou espirais e pelo seu tamanho avantajado.

Figura 32 - Fotografia de Maria Boa, do álbum da família Barros, 2022



Fonte: Imagem enviada pela entrevistada Aglail Barros, sobrinha de Maria Boa - retirada do álbum da família, 2022.

Também chamado de “*torpedo*”, comenta-se que as referências deste modelo de sutiã são as balas e torpedos usados na II Guerra Mundial.

O look da foto abaixo (Figura 14), composto por uma saia evasê midi e uma blusa pólo, sem peitilho, foi o escolhido para ser confeccionado, já que ele representa bem a silhueta da década de 50. O tecido utilizado para confeccionar as

peças, foi a viscose de algodão, para dar movimento e caimento à saia evasê e um crepe com elastano para a camiseta pólo, com martingale.

Figura 33 - Maria Boa com um lança-perfume Rodouro.



Fonte: Neto (2009)

Procurou-se encontrar, nas lojas da cidade de Natal-RN, uma estampa próxima a da saia da foto, que trouxesse uma padronagem do xadrez, mais desconstruído.

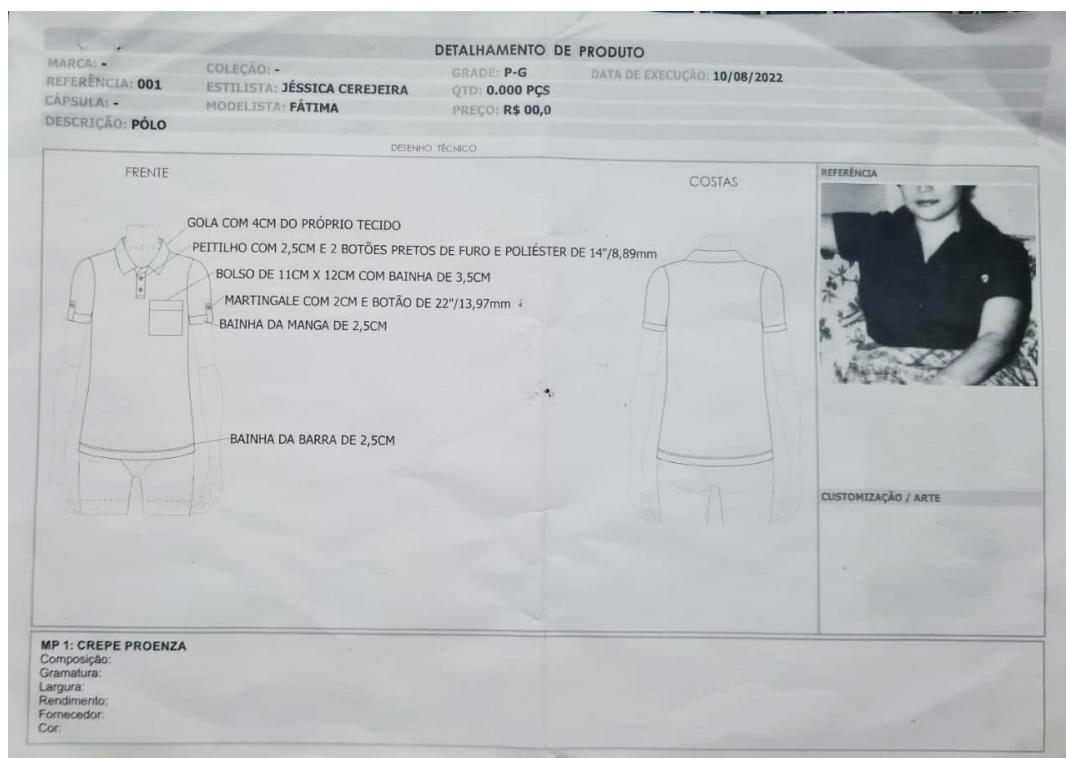
### **3.2 Modelagem, confecção dos trajés e acabamentos**

Para que fosse possível iniciar o processo de confecção, foi necessário desenvolver as fichas técnicas de desenvolvimento de produto, que é um documento onde constam as informações de acabamentos e detalhamentos, elaborada pelo estilista e repassada a(o) modelista, que irá interpretar, estabelecer as medidas

finais e traçar o molde, para cortar o tecido e em seguida costurar.

Na ficha de detalhamento de produto da blusa, foi tomada como base a foto da peça usada por Maria Boa, desta forma, definiu-se que a gola, teria 4cm de largura e seria feita do próprio tecido, ao invés da retilínea, que era menos vista nas peças, devido a escassez desse aviamento no período pós guerra. Trazendo a tendência do utilitário, que marcou presença na moda a partir da década de 40, tendência essa que deriva das modelagens dos uniformes militares sempre repletos de bolsos, botões, zipers e martingales abotoados, trouxemos na barra da manga da blusa um martingale medindo 2cm, presa com um botão de poliéster de 22” ou 13,97mm. Ainda dentro dessa estética do utilitário, a blusa possuía um pequeno bolso quadrado, de 11cm por 12cm. O peitilho da blusa, não possuía botões, apenas abertura.

Figura 34 - Ficha técnica de detalhamento de produto - blusa Maria Boa.

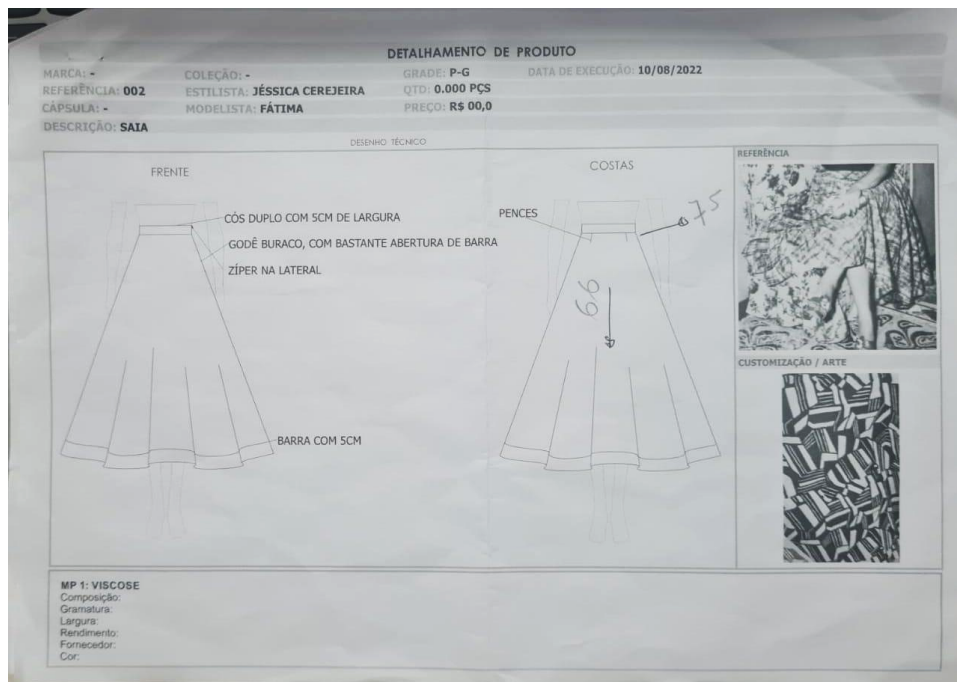




Fonte: Ficha desenvolvida pela autora (2022)

Já na ficha de detalhamento de produto da saia, interpretou-se através da foto e pelo comprimento padrão que era utilizado na década de 50. Desta forma definiu-se que o cós seria duplo, entretelado, com 5cm de largura, e o godê buraco que proporcionou o efeito “rodado”, consumiu cerca de 8 metros de tecido. Por baixo, Maria Boa deveria estar utilizando uma anágua, como disse Dona Aglail. A bainha da barra pela imagem, nota-se que é mais larga, com cerca de 5cm de largura. O zíper foi colocado na lateral, mas também era muito comum ver o zíper no centro costas da saia.

Figura 35 - Ficha técnica de detalhamento de produto - saia Maria Boa.

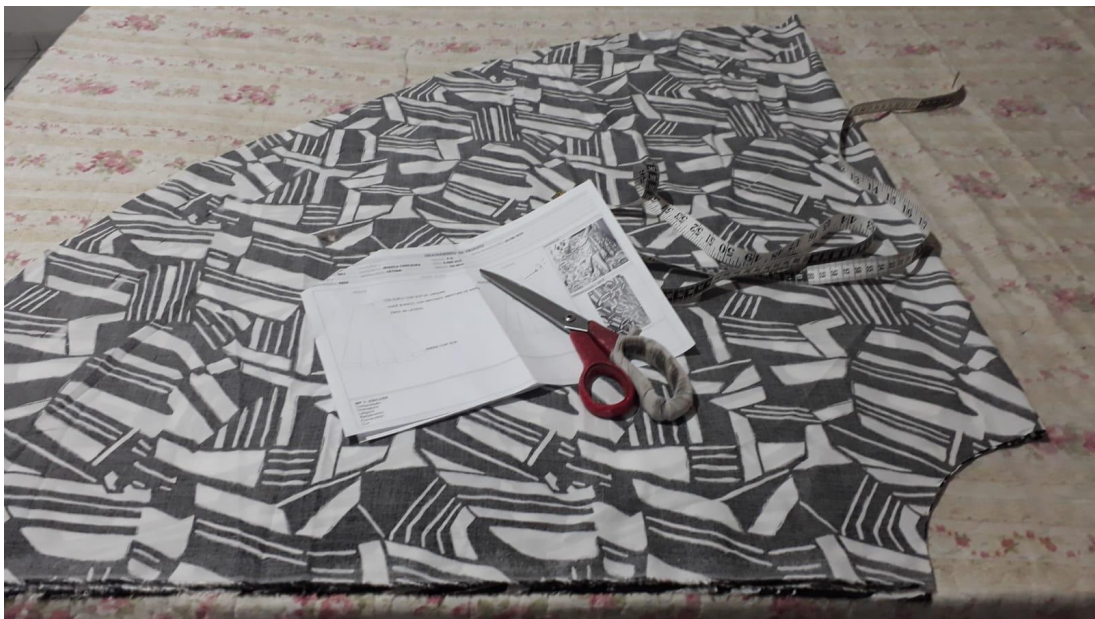


Fonte: Ficha desenvolvida pela autora (2022)

Para a costura das peças, foram contratados os serviços da costureira Fátima Rocha, que possui vasta experiência com trajes e prontamente aceitou o desafio de reconstruir um dos trajes de Maria Boa.

Ao receber as fichas e definir as medidas que iriam para o traçado do molde, Fátima iniciou o processo de corte do tecido, como é possível ver na imagem abaixo:

Figura 36 - Processo de corte do tecido para confecção da saia.



Fonte: Registro fotográfico feito pela costureira do projeto, Dona Fátima (2022)

Cortadas a saia e a blusa, iniciou-se o processo de regulagem das máquinas e do ponto, para que fosse possível costurar, prezando pelo melhor acabamento. Pensando na sequência operacional em que se deu a montagem da blusa, inicialmente se prepara a gola e o martingale, separadamente, une os ombros, prega as mangas e fecha-se as laterais.

Na sequência é feita a bainha da barra e das mangas e pregado o martingale nas mangas. Já a sequência operacional da saia, é iniciada pelo preparo do cócs, com entretela termocolante, fechamento das laterais, pregamento do cócs e zíper e por fim a bainha da barra.

Figura 37 - Processo de costura da saia.



Fonte: Registro fotográfico feito pela filha da costureira do projeto, Dona Fátima (2022)

E o resultado final, vê-se através da passadoria, onde as costuras são batidas com o calor do ferro de passar roupas e a limpeza interna dos fios é feita. Assim temos o primeiro protótipo do traje utilizado por Maria Boa, que poderá ser utilizado nos mais variados trabalhos cênicos e de audiovisual, exposições e outras finalidades.

Figura 38 - Protótipo do look finalizado e foto inspiracional.



Fonte: Registro fotográfico das peças e montagem com foto de Maria Boa, feito pela autora (2022)

Por ser o objetivo geral desta pesquisa documentar a história dos trajes utilizados pelas mulheres, nos cabarés, ao longo da história, em especial os trajes utilizados pela lendária Maria Boa, temos aqui, no desfecho desta pesquisa a materialização de um traje usado por Maria Boa, que servirá também de referência iconográfica para figurinistas e estilistas de moda. Partindo do pensamento do traje enquanto documento, o documento em si não precisa obrigatoriamente ser um testemunho escrito, mas expandir-se, quando tratamos objetos como documentos. Pois para a arquivística, um documento é “toda informação registrada em um suporte material, suscetível de ser utilizada para consulta, estudo, prova e pesquisa,

pois comprova fatos, fenômenos, formas de vida e pensamentos do homem numa determinada época ou lugar” (BRASIL, 1995, p. 11).

## **CONCLUSÃO: AS LUZES DO CABARÉ SE APAGAM, MAS MARIA BOA VIVE**

Diante dos dados obtidos durante esses 2 anos consecutivos de pesquisa, com ponto de partida ainda em 2015, posso concluir que apesar da ausência de registros, objetos pessoais e outros documentos que ajudariam a reconstruir e a manter viva a memória de Maria Boa, existem, como visto nesta pesquisa, inúmeros relatos que trazem detalhes sobre essa personalidade histórica e que estão espalhados pela internet, em livros perdidos nas bibliotecas e sebos do Rio Grande do Norte e na memória das pessoas de mais idade que contam com orgulho, terem conhecido Maria Boa. Esses poucos registros foram fundamentais e funcionaram como “retalhos”, fragmentos de uma história que permanece viva na memória do potiguar e que ao serem costurados nesta pesquisa, em uma única “colcha”, documentam e recontam a história dos trajes dos cabarés, até chegar em Maria Boa, desconstruindo o estereótipo que se tem, sobre a forma que as mulheres que trabalham nos cabarés ou como prostitutas se vestem, se portam e são vistas diante da sociedade.

No entanto, é sabido que o caminho para se chegar até aqui foi repleto de desafios, a começar pelo período pandêmico que o mundo todo enfrentava, impossibilitando que o projeto fosse expandido através de outras entrevistas e uma parte prática e expositiva envolvendo as mulheres que trabalham no Cabaré da Cigana, localizado nas Rocas, em Natal-RN, utilizando os trajes que seriam confeccionados pela autora, como era a proposta inicial deste projeto. Mas apesar da pesquisa não ter perseguido os caminhos traçados para ela inicialmente, os resultados alcançados foram os esperados, dentro das circunstâncias e cenário em que se deu essa pesquisa, de modo que foi possível traçar o panorama histórico dos

cabarés e da prostituição no mundo, até chegar ao Brasil e focar o olhar no nordeste, para contar a história de Maria Boa.

De todo modo, espera-se que assim como esta pesquisa, muitas outras nessa mesma linha sejam feitas posteriormente, colocando os holofotes sob temáticas como a dos cabarés e a prostituição, desconstruindo os estereótipos que se tem na maioria das vezes, sobre como essas mulheres se vestem e se portam dentro da sociedade, sem romantizar as dificuldades e abusos de todos os tipos, sofridos por elas, ao longo da história. Espera-se ainda que a história de Maria Boa possa ganhar visibilidade mundo afora, através de documentários, filmes, livros e um espaço físico apropriado, como um Memorial, para manter viva a história dessa mulher, que foi e segue sendo, tão importante na história do Rio Grande do Norte.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. **Livro conta história de prostitutas que morriam queimadas em Parnaíba.** 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/08/livro-conta-historia-de-prostitutas-que-morriam-queimadas-em-parnaiba.html>. Acesso em: 22 ago. 2017.

ARTE&ARTISTAS. **A dança no Moulin Rouge, de Toulouse-Lautrec.** 2019. Disponível em: <https://arteeartistas.com.br/a-danca-no-moulin-rouge-de-toulouse-lautrec/>. Acesso em: 11/01/2022.

BERCITO, S. de D. R. **O Brasil na década de 1940 - Autoritarismo e democracia. 1999.** Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/21193425/bercito-sonia-de-deus-rodrigues-o-brasil-na-decada-de-1940>. Acesso: 20 ago. 2017.

BONAVIDES, M. **Elvira Pagã - 97 anos.** 2017. Disponível em: <https://www.marcelobonavides.com/2017/09/elvira-paga-97-anos.html>. Acesso em: 10/01/2022.

BORGES, D. **Belle Époque, o que foi? Definição, característica e cultura do divertimento.** 2021. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.com/belle-epoque/>. Acesso em: 16/01/2022.

BRASIL. Arquivo Nacional. **Gestão de documentos: conceitos e procedimentos básicos.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

CASCAES, L.S.R. **Abre alas - Coristas no Teatro de Revista.** CEART/UEDESC. nº14. 2010

CASTRO, Maria Margarida. **Entrevista concedida a Thiago Cerejeira.** São Paulo, 2017.

CASTRO, R. Carmen Miranda: **A vida de Carmen Miranda a brasileira mais famosa do século XX.** Editora Companhia das Letras. 2005.

CAVOUR, R. C. **Breve Histórico da prostituição no Brasil.** In: CAVOUR, R. C. **Mulheres de família: papéis e identidades da prostituta no contexto familiar.** 2011. 148 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica

do Rio de Janeiro – PUC-RJ, Rio de Janeiro, p.15-25, 2011. Disponível em: [http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912457\\_2011\\_cap\\_2.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912457_2011_cap_2.pdf). Acesso em: 24 set. 2019.

CEREJEIRA, T. **A Belle Epoque Amazonense**. 2011. Disponível em: <http://modahistoria.blogspot.com.br/2011/07/belle-epoque-amazonense-por-thiago.html>. Acesso em: 20 ago. 2017.

CHAGAS, W. F. **As singularidades da modernização na cidade da Paraíba nas décadas de 1910 a 1930**. UFPE. 2004. Disponível em: [http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/7459/arquivo7777\\_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/7459/arquivo7777_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 22 ago. 2017.  
de Antonin Artaud. Tese de doutorado. PPGAC/UFBA. 2004.

COLLAÇO, V. R. M.; SANTOLIN, R. F. **As vedetes, As Coristas e As Revistas!** Anais do XIX seminário de Iniciação Científica – V Jornada de Iniciação Científica. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

COLLAÇO, Vera Regina Martins. **O desnudar do corpo feminino**. DA Pesquisa – Revista de Investigação em Artes/ Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, v.1, n.3, 2008b.

DALMOLIN, Maristela. **Memória coletiva: audiodescrição em sala de aula**. 2015. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

DANTAS, D. **Aqui jaz o cabaré de Maria Boa**. 2016. Disponível em: [http://livrevozpopovo.blogspot.com.br/2016/05/aqui-jaz-o-cabare-de-maria-boa.html#.WdF4L\\_ISzIU](http://livrevozpopovo.blogspot.com.br/2016/05/aqui-jaz-o-cabare-de-maria-boa.html#.WdF4L_ISzIU). Acesso em: 21 ago. 2017.

DANTAS, Itamar. **É ficção ou documentário?**. 2014. Disponível em: <https://www.culturaemercado.com.br/site/e-ficcao-ou-documentario/>. Acesso em: 18 de Novembro 2020.

DEL PRIORE, M. **História do Amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DURANT, Will. **Nossa Herança Oriental**. Rio de Janeiro: Record, 1963

EMBACHER, A. **Moda e Identidade: a construção do estilo próprio**. 2 ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 1999.



FREIRE, R. C. de L. **Historia dos Cabarés de Natal nas décadas de 1940 e 1950**. UFRN. 1993.

FRAZÃO, D. **Biografia de Carmen Miranda**. 2020. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/carmen\\_miranda/](https://www.ebiografia.com/carmen_miranda/). Acesso em: 10/01/2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GONZÁLEZ, H. **La Belle Epoque - Moda no período**. 2013. Disponível: <https://modaehistoriadaarte.wordpress.com/2013/05/31/moda-no-periodo-la-belle-epoque/>. Acesso em: 20 ago. 2017.

IMAGES-MUSICALES. **Madame Rasimi's Ba-ta-clan**. 2015. Disponível em: <https://blog.imagesmusicales.be/madame-rasimis-ba-ta-clan/>. Acesso em: 11/01/2022.

ITALIANO, I; VIANA, F. **Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do Século XIX**. Coord. Desireé Bastos e Luciano Araújo. São Paulo. Estação das Letras e Cores. 2015.

LENHARIO, A. **Cantores do rádio: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo**. Campinas: Unicamp, 1995.

LIMA, A. G. C. **Histórias que vivi**. Natal: Sebo Vermelho. 2008.

LOPES, V.C.C.; STEINKE, R. **Carmen Miranda, indumentária e identidade cultural: algumas considerações para o ensino de história**. 2009.

MARQUES, G. **Regulamentação da Prostituição: efeitos no direito do trabalho**. UNIVALI. 2004. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Gustavo%20Marques.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

MEDIATECA INAH - Instituto Nacional de Antropología e Historia, México. **Madame Rasimi e coristas - retrato de grupo**. Disponível em: <http://mediateca.inah.gob.mx/repositorio/islandora/object/fotografia:93278>. Acesso em: 11/01/2022.

MENEZES, M. A. de. **Cabarés: História e Memória**. XXVII Simpósio Nacional de História. 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362017982\\_ARQUIVO\\_CABARES.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362017982_ARQUIVO_CABARES.pdf). Acesso em: 11/01/2022.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Coleção Temas Sociais. 24. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MORAIS, E. C. A. **Memória do Cais: Parnaíba, a cidade, o rio e a prostituição**. UFPI. 2012.

MOUTINHO, M. R. **A moda do século XX**. Rio de Janeiro: Senac, 2000.

MORAZZI, L. **Historia e Evolução da Moda - Belle Epoque - Parte 1**. 2015. Disponível em: <http://lumorazzi.blogspot.com/2015/05/moda-xii-historia-e-evolucao-belle.html>. Acesso em: 16/01/2022.

MURPHY, E. **História dos grandes bordéis do mundo**. Tradução de Heloísa Jahn. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1994.

NETO, M. DE O. C. **La Belle de la Nuit**. 2009. Disponível em: <http://nataldeontem.blogspot.com.br/2009/07/>. Acesso em: 22 ago. 2017.

NOGUEIRA, A. **História da Prostituição**. 2020.

OLIVEIRA, L.S. de. **Som e Fumaça. Um estudo sobre o cabaré berlinense durante a república de Weimar**. 2017. UDEC. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000029/000029f1.pdf>. Acesso em: 16/01/2022.

PAIVA, L. **Aqui jaz o cabaré de Maria Boa**. 2015. Disponível em: <https://brechando.com/2015/09/17/aqui-jaz-o-cabare-de-maria-boa/>. Acesso em: 30/11/2021.

PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PAIVA, S. C. **Viva o Rebolado! Vida e Morte do Teatro de Revista Brasileiro Rio de Janeiro**, Nova Fronteira, 1991.

PRANIS, Kay. **Círculo de justiça restaurativa e de construção de paz: guia do facilitador**. Tradução de Fátima De Bastiani. Rio Grande do Sul: Artes Gráficas, 2011. Disponível em: <http://www.justica21.org.br/arquivos/guiapraticakaypranis2011.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

PEZZOLO, D. B. **Moda e Arte - Releitura no processo de criação**. São Paulo. Editora SENAC. 2013.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 9. ed.- São Paulo: Contexto, 2008.

RAGO, M. **Práticas femininas em novos modos de subjetivação**. Unicamp. 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/12946/9998>. Acesso em: 16/01/2022.

REIS DA VELA. **O teatro de revista**. 2013. Disponível em: <http://osreisdavela.blogspot.com/2013/05/o-teatro-de-revista.html>. Acesso em: 11/01/2022.

RIBEIRO, L.G.M.; COLLAÇO, V. **Análise Estrutural das peças Cocota; Comidas, meu santo; e Você já foi à Bahia?**. Artigo. UDESC. 2008.

RUIZ, Juan José Montijano. **Historia del teatro olvidado: la revista (1864-2009)**. Tese de doutorado. Granada: Universidad de Granada, 2009.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1992

RODRIGUES, K. **SENAI Brasil Fashion reúne mentores, tops e jovens estilistas**. 2015. Disponível em: [http://www.textilia.net/materias/ler/eventos/ultimas\\_noticias\\_eventos/senai\\_brasil\\_fashion\\_reune\\_mentores\\_tops\\_e\\_jovens\\_estilistas](http://www.textilia.net/materias/ler/eventos/ultimas_noticias_eventos/senai_brasil_fashion_reune_mentores_tops_e_jovens_estilistas). Acesso em: 22 ago. 2017.

SALLES, Nara. **SENTIDOS: UMA INSTAURAÇÃO CÊNICA Processos criativos a partir da poética de Antonin Artaud**. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/UFBA. Salvador, Bahia. 2004.

SENRA, F. **Alô, Alô... Carmen é puro carnaval! 2012**. Disponível em: <https://garotatecontotudo.com.br/2021/02/12/carmen-miranda-puro-carnaval/>. Acesso em: 10/01/2022.

SILVEIRA, R. M. J. **TIPIFICAÇÃO CRIMINAL DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: paternalismo legal ou moralismo penal?** Brasília: IBCCRIM, 2006.

SMITH Jr, C. **Trampolim para a vitória**. Natal, UFRN. Ed. Universitária, 1992.

STUCKEY, Johanna H. **Sacred Prostitutes**. Acesso em: 10 de Agosto 2022.

UNIRIO. Pro-reitoria de Extensão e Cultura. **Elvira Pagã**. 2020. Disponível em: <https://cabareincoerente.com/referencias/personalidades/brasil/elvira-paga/>. Acesso em: 10/01/2022.

VENEZIANO, N. **As grandes vedetes do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2010. (Coleção Aplauso)

VENEZIANO, N. **O sistema Vedete**. Repertório, Salvador, nº 17, p.58-70, 2011.2.

VIANA, Fausto. **O Traje de Cena como Documento**. São Paulo. Estação das Letras e Cores. 2015. 284 p.

VINTAGE.ES. Classic Brazilian Bombshell - **Glamorous Photos of Young Carmen Miranda in the 1930s and 1940s**. 2018. Disponível em: <https://www.vintag.es/2018/06/carmen-miranda-in-the-1930s-and-1940s.html>. Acesso em: 10/01/2022.